

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE SAÚDE E SOCIEDADE**

PAULO JOSÉ OLIVEIRA

DEPENDENTES DE AMOR E SEXO: UM ESTUDO APROXIMATIVO

Santos

2019

PAULO JOSÉ OLIVEIRA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

DEPENDENTES DE AMOR E SEXO: Um estudo aproximativo

Trabalho apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sílvia Maria Tagé Thomaz

Santos

2019

PAULO JOSÉ OLIVEIRA

**DEPENDENTES DE AMOR E SEXO: UM ESTUDO APROXIMATIVO –
SANTOS – SÃO PAULO**

Trabalho apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profª Drª Sílvia Maria Tagé Thomaz.

Aprovação em ____/____/____

Examinadores:

Profª Drª Sílvia Maria Tagé Thomaz
Universidade Federal de São Paulo

Profª Drª Ana Maria Ramos Estevão
Universidade Federal de São Paulo

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

048d Oliveira, Paulo José.
Dependentes de amor e sexo: um estudo
aproximativo. / Paulo José Oliveira; Orientadora
Sílvia Maria Tagé Thomaz; Coorientadora Ana Maria
Ramos Estevão. -- Santos, 2019.
56 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Serviço Social) -- Instituto Saúde
e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

1. dependência. 2. sexo. 3. amor. 4. Serviço
Social. I. Thomaz, Sílvia Maria Tagé, Orient. II.
Estevão, Ana Maria Ramos, Coorient. III. Título.

CDD 361.3

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia às pessoas que me acompanharam pela vida à fora; pessoas estas que fomentaram proposições ao meu ser, a exemplo de ter o estudo e a aprendizagem como meio transformador de meu olhar, na perspectiva da humanização. Principalmente a minha “dinda” Milena (amiga e assistente social), que em sua formação, falou do curso de Serviço Social (isto, quando eu era muito jovem), e me disse: “Paulo faz esse curso, você vai gostar! Ele tem a ver contigo...” Ao meu “dindo” de curso, que como eu, está na vida buscando nosso canto de paz. E por fim ao Allan, a Tainan Conrado e a orientação da Prof^a Ana Maria, que me chamaram a atenção para textos maravilhosos, que jamais acessaria sem vocês.

In memoriam dos meus queridos amigos: Celso Eduardo da Silva, João Roberto Giusti, Dona Iraci, Dona Evangelina, Prof Ms Antonio Amaro e Prof^a Dr^a Andréa Torres.

Seres iluminados que jamais sairão da minha mente e coração.

AGRADECIMENTOS

Principalmente e primeiramente à DEUS, MEU PAI amado, que me concedeu a possibilidade de chegar a este momento meu; aos meus familiares, que me acompanham a cada momento de minha vida; aos meus amigos, todos foram fundamentais na inspiração deste projeto; à todos meus professores que me ajudaram percorrer os mais diversos graus de aprendizagem, com especial destaque aos que me acompanharam na formação acadêmica tanto na Faculdade Don Domênico no Guarujá (no passado), como atualmente na UNIFESP; as pessoas com que convivi nos mais diversos ambientes de trabalho, com especial carinho e amor aos meus companheiros de exercício na saúde pública, que testemunharam estes dois momentos de minha trajetória na vida acadêmica; às minhas amigas e amigos assistentes sociais que muito me inspiraram através de suas práxis, e fortaleceram o meu entendimento dos conceitos teórico-metodológicos absorvidos no transcorrer do curso; aos meus companheiros de classes, em todas as classes que percorri e que criei vínculos, afetividades e referências que já fazem parte do meu espírito e se expressam em meu ser; à todos professores e demais profissionais que atuam na UNIFESP, através deste conjunto de ações, pude compreender a amplitude de estudar e desenvolver ações junto à uma universidade pública e como esta é transformadora de vidas e da sociedade, a partir da sua instalação no território, seja qual for, conseqüentemente promovendo a mudança do olhar para a vida e suas manifestações. Nunca mais será o mesmo! E por fim, às minhas supervisoras de campo de estágio supervisionado e todas as pessoas e grupos acessados no transcorrer do curso, onde a troca experimentada foi marcada pelo contato sincero e convívio enriquecedor. Os meus agradecimentos em suma, abarca a todos os determinantes que corroboraram na elaboração de meu processo cognitivo e para o aprimoramento de meus valores sobre a práxis profissional e como ser humano.

Os imorais
Falam de nós
Do nosso gosto
Nosso encontro
Da nossa voz

Os imorais
se chocam
por nós
Por nosso brilho
Nosso estilo
Nossos lençóis

Mas um dia, eu sei
A casa cai
E então
A moral da história
Vai estar sempre na glória
De fazermos o que nos satisfaz

Os imorais
Falam de nós
Do nosso gosto
Nosso encontro
Da nossa voz

Os imorais
sorriram pra nós
Fingiram trégua
Fizeram média
Venderam paz

Mas um dia, eu sei
A casa cai
E então
A moral da história
Vai estar sempre na glória
De fazermos o que nos satisfaz

Zélia Duncan – Imorais

RESUMO

Desenvolver um trabalho de monografia envolvendo um tema de inexplicável densidade como a dependência de amor e sexo, trazendo à luz do conhecimento a inquestionável relevância do tema e a emergência da promoção de sua discussão, reflexão e debates, não constituiu uma tarefa nada fácil, ficando a incerteza de qual o melhor caminho para construir esse chamamento. Portanto a metodologia aplicada foi a da busca de literatura que dialogasse e promovesse uma aproximação com o tema, num processo de construção de pensamento empírico e cognitivo sobre os textos de referência utilizados. Houve que extrair destes a indicação do melhor caminho a ser percorrido, num ambiente de total anonimato e sigilo, envolvido numa bruma espessa, sem referências específicas, o que indica na própria construção do saber, que os dependentes de amor e sexo, contam com eles próprios, ou em ação conjunta por entre iguais, pressupõe-se ser um número ínfimo de pessoas que cheguem aos grupos de apoio, até por se colocarem numa condição de total invisibilidade por motivos aparentemente evidentes, o silêncio imposto ao sexo e a sexualidade, e que é apontado neste trabalho. O agir dos dependentes de amor e sexo são uma expressão desta condição. Precisam juntar forças sós, seguir abatidos pelos desgastes emocionais intermináveis e também pelos ininterruptos enfrentamentos consigo mesmo e com sua “consciência”. Outro desafio permanente é sensível construção do convívio e das relações sociais que precisam estabelecer, frente a dependência que possuem; faz-se imprescindível estabelecer o controle de suas inquietações, impulsos e rompantes ao máximo. E nesta perspectiva ficarem isolados e sós buscarem meios de atenderem seus chamamentos, sua “autoajuda”, buscarem por si os meios de cuidados e assistências que requerem as suas demandas específicas, sem de modo algum deixar transparecer a natureza de tais. E alguns, contando com a sorte; num ato desesperado, por serem mais articulados e/ou impetuosos, busquem ajuda alheia, com a esperança de encontrarem pessoas sensíveis e abnegadas, que estejam dispostas a dar escuta, e mais, possam e queiram empaticamente estenderem suas mãos, para tentar próximos aos dependentes, encontrar meios para a atenção das situações-problema e demandas apresentadas, por que as soluções, estas até onde esta pesquisa pode alcançar, não as terão.

Palavras-chave: Dependência; sexo; amor; Serviço Social.

ABSTRACT

Developing a monograph work involving an inexplicably dense theme such as the dependence on love and sex, bringing to light the knowledge of the unquestionable relevance of the theme and the emergence of the promotion of its discussion, reflection and debates, was not an easy task. the uncertainty of the best way to build this call. Therefore, the applied methodology was the search for literature that would dialogue and promote an approximation with the theme, in a process of construction of empirical and cognitive thinking about the reference texts used. It was necessary to extract from them the indication of the best way to go, in an environment of total anonymity and secrecy, involved in a thick mist, without specific references, which indicates in the very construction of knowledge, that the dependents of love and sex count on them. themselves, or in joint action by equals, is assumed to be a tiny number of people coming to support groups, even because they are in a condition of total invisibility for seemingly obvious reasons, the silence imposed on sex and sexuality, and which is pointed out in this paper. The action of dependents of love and sex is an expression of this condition. They need to join forces alone, to be beaten down by endless emotional wear and tear, as well as uninterrupted confrontations with themselves and their "conscience." Another permanent challenge is the sensible construction of conviviality and social relations that need to be established, given their dependence; It is essential to establish the control of their concerns, impulses and outbursts to the fullest. And from this perspective, they are isolated and alone seeking ways to answer their calls, their "self-help", seeking for themselves the means of care and assistance that require their specific demands, without in any way showing the nature of such. And some, counting on luck; in a desperate act, because they are more articulate and / or impetuous, seek help from others, hoping to find sensitive and self-sacrificing people who are willing to listen, and more, can and want to empathically extend their hands to try close to their dependents. , find ways to address the problem situations and demands presented, because the solutions, as far as this research can reach, will not have them.

Keywords: Dependence; sex; love; Social Work.

SUMÁRIO

Apresentação	14
Introdução	18
Justificativa	21
Cap. 1 – A sexualidade frente a sociedade ocidental	23
1.1 A sociedade como espaço de reprodução das normativas do amor, do sexo e da sexualidade	23
1.2 A análise histórico-social de Foucault sobre a sexualidade	25
1.3 As expressões sexualidade na sociedade contemporânea	29
Cap. 2 – A sexualidade e a teologia	30
2.1 A sexualidade frente aos dogmas religiosos da Igreja	30
Cap. 3 – A sexualidade vista pelos dilemas	33
3.1 Dos desvios sexuais	33
3.2 Da diversidade	35
Cap. 4 – Sobre os dependentes de amor e sexo	38
4.1 Dependência de amor e sexo: algumas das suas implicações orgâ- nicas	38
4.2 Dependência de amor e sexo: a visão dos seus dependentes anô- nimos	39
4.3 Dos cuidados existentes aos dependentes de amor e sexo	40
Cap. 5 – Uma outra citação sobre a sexualidade e o sexo: por um olhar não ocidentalizado (e étnico-racial)	41
Considerações finais	43
Referências	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: (Ilustrativa) Campanha da Fraternidade de 2000	32
Figura 2: (Ilustrativa) Sobre as parafilias	35
Figura 3: (Ilustrativa) Mapas da homossexualidade	37

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: G1 SP – Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão	47
Anexo 2: G1 SP – Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão	48
Anexo 3: G1 SP – Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão	49
Anexo 4: G1 SP – Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão	50
Anexo 5: D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico	51
Anexo 6: D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico	52
Anexo 7: D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico	53
Anexo 8: D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico	54
Anexo 9: D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico	55
Anexo 10: D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico	56

APRESENTAÇÃO

Conceber a idéia de que discutir a dependência de amor e sexo aconteceria num ambiente fácil e de fluente desenvolvimento na argumentação, seria no mínimo de uma inenarrável pretensão e profundo erro metodológico. Para tal coisa, faz-se necessário o apoio de diversos discursos, que aparentemente parecem não correlatos, mas na verdade estão entrelaçando-os, e como consequência dessa invisibilidade de correlações, acaba promovendo no dependente os efeitos desses meandros na sua vida, que por motivos individuais, peculiares a cada pessoa e disparados pelas mais variadas circunstâncias ou motivos, frente a propensão do sujeito, a lança-o neste redemoinho de manifestações indissociáveis desencadeadoras da ação compulsiva e da dependência afetiva, amorosa e sexual.

Quem são estes? O que os caracterizam? Quais as suas necessidades? Quais os desafios que perpassam pela vida? Quais suas verdadeiras necessidades? Quais os aparatos que dispõem para conseguir (sobre)viver na sociedade atualmente constituída (ocidental)? Como conseguem identificarem-se como dependentes de amor e sexo? Após isso à quem recorrem para buscar o auxílio necessário? Estas são questões que surgem automaticamente, ao considerar a existência de dependentes dessa natureza. Este trabalho não irá dar conta de responder todas essas e outras questões que brotam espontâneas, mesmo porque, há necessidades mais prementes. Portanto os objetivos traçados são: alguns posicionamentos da sociedade contemporânea ocidental e capitalista, no que tange à sexualidade, ao sexo, ao amor e ao relacionamento (com seus ditames, lugares legitimados para a vivência de forma bem específica, em consonância com os costumes, os valores morais e éticos, e as convenções sociais estabelecidas por esta sociedade; as implicações nos valores morais, éticos e organizacionais para a sexualidade, o sexo e a afetividade na vida em sociedade e principalmente traçar pressupostos de como são afetados os que vivem com a dependência de amor e sexo, por esta estrutura social estabelecida, que provém de uma ideologia clara e definida, com propósitos e interesses a serem atendidos e com a perspectiva de tornar convencional as relações sociais nelas existentes. Estão intrinsecamente relacionados ao cerne do objeto de estudo: a sexualidade, o sexo e a afetividade e o ideário para sua vivência, assim

como o estado de choque causado pela dependência de amor e sexo, destoantes dessas convenções institucionalizadas pelas relações sociais.

Esta monografia terá o aspecto de uma “colcha de retalhos” textuais. E assim estarão dispostos como metodologia de trabalho, objetivando promover uma tempestade cerebral, com a perspectiva de provocar o pensamento, o questionamento e a reflexão. Conduzindo a mente a se sentir estimulada a buscar um aprofundamento do olhar, que permita a construção da linha de pensamento mais inteligível sobre o objeto de estudo. Assim como foi usado a empiria como recurso aplicado na construção deste trabalho acadêmico, onde seria impossível conseguir elaborá-lo, sem um fio condutor, e sem utilizar uma técnica de apoio, que estabelecesse um lastro mínimo de argumentação e junção de aspectos das vidas humanas e em sociedade que parecem não haver ligação em alguns momentos, quando tratados em separado, mas que para ser perceptível os efeitos destes nos dependentes, há como pressuposto teórico-metodológico, fazer tal cruzamento das informações, com a perspectiva também de criar o interesse pelo trabalho desenvolvido e possibilitar críticas sobre o mesmo e novas formulações e metodologias de pesquisa do assunto aqui desenvolvido.

Este trabalho não tem por finalidade determinar nenhuma convicção e respostas fechadas para as questões apontadas pela problemática apresentada e sobre o objeto de pesquisa e estudo. Já terá atingido seu objetivo se o conseguir tirar da invisibilidade. Fato é que: pessoas estão sofrendo e o ser delas se perde no aspecto psicoemocional, afeto-relacional, prático-cognitivo, assim como psicossocialmente. Há uma amputação da possibilidade de expressar sua maneira de entender e viver a sexualidade, o sexo, seus relacionamentos, o amor, a afetividade, seus impulsos, instintos, assim como seus desejos. E o mais grave ainda, é de dispor com quem dividir suas angústias e inquietações frente a inadaptabilidade em que se encontram socialmente. Esta sofreguidão tem origem no nó da estrutura da sociedade ocidental e capitalista enraizada na doutrina conservadora, inquisidora, controladora e castradora. Estas características que permeiam as normas para o ser social e na construção das relações sociais, vai diretamente em choque as necessidades dos dependentes de amor e sexo. Não permitindo nunca que a conta se feche. Saindo subtraídos e destituídos internamente de tudo, estes dependentes.

Outro aspecto para tal suplício é a falta do falar qualificado sobre o sexo, a sexualidade, o amor, o relacionamento e o comportamento humano. Há uma negligência com o íntimo, o pessoal e o instintivo, através do projeto de controle estipulado e imposto pela

sociedade ocidental coletivo, atendem interesses claros de uma dada elite, burguesa e que se faz hegemônica nas articulações do poder. Desta forma, de forma estruturada, transfere para o indivíduo a responsabilidade da busca de sua formação, orientação “adequada” no que tange ao sexo, ao amor e a sexualidade, como em todos os demais aspectos de sua vida. Desta forma as implicações, as consequências do uso/vivência da sexualidade e do sexo, se torna na esfera pessoal e da mesma forma as responsabilizações, as condenações e julgamentos das demais pessoas que compõe a rede social em que o sujeito está inserido, e por fim a perspectiva de penalizações que coletivamente consideram ser aplicáveis ao dependente, sem quaisquer menção de olhar a questão de forma mais aprofundada, a buscar as causas potencializadoras das condutas e assim agir sobre estas na busca de uma solução ou atenção que o caso requer.

Há de ser pensada ao invés disto, uma perspectiva de construção educativa, cognitiva e que prepare o ser humano desde a infância até a sua vida adulta (e velhice), a ter meios sólidos para lidar com os rompantes do seu ser, lidar com seus gritos internos e buscar meio de mediá-los e quando plausível e possível. Aprender lidar com seus anseios e desejos e poder atendê-los, de maneira saudável, plena e equilibrada, desde que não acarrete transgressão a sua integridade e à de outrem. Há de criar competências para lidar com seus desejos, estímulos e prazeres sexuais, por mais profundos e mais fortes (quer seja pelo viés erótico, quer pelo instintivo), Há de começar a promover a habilitação da sexualidade, do sexo e da afetividade com a perspectiva do equilíbrio, do permissível e do legítimo. Vislumbrando um viver construtivo, saudável e com a propensão de permitir-lhe ir o mais próximo da plenitude de sua vida e do seu relacionamento social.

Enquanto isto não ocorre, aos que sofrem desgarrados, numa exclusão silenciosa e contida, que criem-se meios e instrumentos de apoio, de pronto-socorro técnico-operativo, assim como sejam criados instrumentos em atenção à demanda que os dependentes apresentam em suas especificidades de casos. Mas em linhas gerais, os fatores que se apresentam são: a emergente exposição do ser, sua fragilização e incapacitação no que tange à lidar e confrontar sua dependência, o agravo de sua dignidade e pertencimento ao meio social, de seu gradativo adoecimento na integralidade do ser e principalmente articular frente a intensiva e permanente culpabilização e criminalização que a si próprio infringe e soma-se aos enfrentamentos sociais que ininterruptamente perpassa. Em consequência e em reflexos destes dilemas vividos, seja no âmbito dos relacionamentos, afetivos, amorosos, sexuais e da sua sexualidade, que se reproduzem na sua interação e na qualidade de seu relacionamento social

e das suas aspirações, tais situações acabam por comprometendo a forma como administrando suas questões, a sociabilização e vai limitando e enfraquecendo os recursos pessoais e internos, que serviriam de energia necessária para o e enfrentamento das questões impostas ao que que é caráter e natureza pessoal e íntima, em afirmação do ideologicamente impregnado na estrutura social vigente, a fim de atender os interesses de um determinado e reduzido grupo, que se articula para manter-se como poder hegemônico e controlador das relações sociais e de classes. Da mesma forma reafirmando em paradoxo seus próprios desejos, anseios e aspirações, sendo somente de outra natureza, mas não menos abusiva e invasiva.

Percebe-se não haver um juiz, um julgamento que o próprio martírio imposto pelo dependente de amor e sexo à si mesmo. É de uma eficácia ímpar, onde a pena é perpétua porque é constituída internamente pelo próprio dependente. Esta imantada pelo próprio código de moral e ética, herdado na sua educação e formação, seja em casa, na escola e/ou em outros espaços de formação, em que se inseriu e reproduz os ditames da sociedade ocidental e capitalista, que ao por causa do viés religioso reafirma ainda mais estes valores, desconstruindo gradativamente os dependentes de amor e sexo, das mais variadas maneiras, sejam pelas convenções sociais entronizados em todos os seres que se encontram nesta realística rede social.

Mediante tudo isto, faz-se imperioso que o dependente de amor e sexo seja absorvido por uma rede de suporte especializado, efetivo, permanente e também exista um plano de ação para efetuar cuidados e/ou abrir o canal de atendimento assistencial de caráter emergenciais. E por outro lado que haja o envolvimento das diversas áreas do conhecimento, principalmente aos de natureza humana, de saúde e do direito. Tais instrumentos, equipamentos e serviços deverão contar com profissionais sensibilizados e devidamente treinados para estabelecerem os vínculos fundamentais para o progresso dos dependentes de amor e sexo, criando condições com isto, de começarem a responder as suas necessidades específicas. Necessidades estas, que tem como causa primária a omissão na formação, introdução e orientação à vida sexual e à sexualidade destes e dos demais seres humanos, pensando em sua diversidade e complexibilidade de viveres.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho foi procurado apresentar uma demanda, onde há um sofrimento profundo dos sujeitos acometidos por ela: a dependência de amor e sexo. Ao se pensar a sua problematização logo surgem as diversas questões, como a exemplo:

- Dependência de amor e sexo, o que é isso? Do que se trata exatamente?
- Se há essa dependência, logo quem são tais dependentes? Eles realmente existem?
- Se estes dependentes existem por onde estão?
- Como age um dependente de amor e sexo? E quais as implicações de seu agir sobre si, sobre os outros?
- Quais os impactos das ações dos dependentes de amor e sexo na ordem e/ou no viver social?

E por conseguinte surge em seguida, uma infinidade de questões e questionamentos sobre a legitimidade de se debruçar sobre este tema de pesquisa. Buscar a aproximação, procurar entendê-lo como uma demanda séria e que requer uma intensa atenção e profundo estudo.

A omissão leva a milhares de anônimos, por ausência de intervenção correta precisa, preventiva, de ordem ambulatorial, psicológica, assistencial, jurídica, de apoio em rede com a perspectiva da integralidade do ser. Ser que sofre gradativamente e cada vez mais, variadas penalizações, tendo como limite o comprometimento de sua própria vida. Para tanto, este estudo aproximativo pretende trazer à luz da reflexão, a questão cotidiana em que se inserem os dependentes de amor e sexo. Em que espaço social ou não estão inseridos e vivenciando ou não suas relações sociais e de vida.

Tem por finalidade chamar a atenção para a problemática apresentada e despertar o interesse no aprofundamento da discussão, na elaboração de meios de acompanhamento da matéria e a criação da busca empírica/cognitiva sobre o tema. Diretrizes que motivaram e justificaram o projeto de pesquisa desta monografia.

Pela densidade do tema, as questões surgidas na aproximação com o objeto de estudo, que foi nem superficial em virtude de ser um ente existente, mas não necessariamente palpável, ajudou sim, na construção do entendimento da relação sociedade e dependentes de amor e sexo. Por isso, o maior propósito da pesquisa foi trazer a luz do conhecimento a

importância da sexualidade, do amor e do sexo, como instrumentos constitutivos do ser humano e na construção de suas relações sociais, durante o percorrer de sua vida. Assim como da importância de que seja preparado para desenvolver competências e aprenda lidar com esta potencialidade humana, como é apreendido se desenvolver em outros demais aspectos de sua humanidade. E enquanto isto não ocorre, aos dependentes de amor e sexo, se pense em estratégias de ações de reinserção à sociedade, dirimindo seus conflitos, dores e traumas dessa interação.

A construção textual foi elaborada em ordem a se pensar os pressupostos teóricos causais, até suas implicações efetivas nas vidas dos dependentes de amor e sexo.

A escolha de Michel Foucault como pensador a introduzir a percepção da sexualidade na sociedade ocidental, se fez pelas indagações e críticas apresentadas, que remete a uma corrente de pensamento que entende a forma com que a sexualidade e o sexo historicamente se incorporou na vida das pessoas e nas classes sociais existentes e fundantes da sociedade ocidental e capitalista, a qual a sociedade brasileira também se está inserida e replica seus valores e demais características. Muitos de seus pensamentos convergem e possibilitam aprofundar a dimensão dos pressupostos teóricos originados não da disfunção em si, mas de elementos que a potencializam ainda mais, trazendo efeitos implacáveis e perversos na vida dos dependentes de amor e sexo, fazendo com que se lancem no obscurantismo total em todas as nuances que se possa apoiar. Há uma pressuposição de uma condição de “não ser” constante vivenciados por estas pessoas.

Nas demais narrativas, são pincelados elementos constitutivos da reflexão com o fim de conduzir o leitor a elaborar seus próprios caminhos de aproximação e olhar sobre a pesquisa aqui apresentada. A dorsal, o fio condutor se inicia sobre o olhar das relações constituídas através dos parâmetros e normativas convencionadas nas sociedades ocidentais capitalistas, que incidem diretamente tanto nas mais complexas operações geopolíticas, quanto no indivíduo em situação mais extrema de pauperização e desamparo. Procurou-se partir das origens deste contexto, para no término do trabalho, através de um outro olhar, diverso e não ocidental, fazer menção de outra perspectiva da construção das relações sociais no que tange ao sexo, sexualidade, afetividade e amor. Apenas uma menção, pois é material para desenvolver outra linha de pesquisa frente a sexualidade humana, suas expressões e implicações sociais e no sujeito.

No capítulo 1 – o debate é para trazer uma reflexão da contextualização do cenário onde o amor, a afetividade, o sexo e a sexualidade se constituíram, até os dias de hoje, com a

perspectiva de montar o cenário por onde os dependentes de amor e sexo ocupam os espaços, interagem e vivem, lugares estes com regras bem definidas.

No capítulo 2 – refletir sobre o peso dos dogmas religiosos da Igreja sobre a sexualidade e o sexo, seus valores e símbolos disseminados e suas implicações tanto na concepção moral e ética social e dos valores sacros, puros e elevados do ser humano, segundo seu referencial, assim como promover a reflexão do peso desta, interferência nas questões íntimas dos dependentes de amor e sexo, criando pressupostos da corroboração na construção de uma “consciência” implacável e sentenciadora e reforçando o julgamento e distanciamento dos desvios (e suas causas), criando ainda maior isolamento e desamparo aos dependentes de amor e sexo. Preço e castigo do pecado.

No capítulo 3 – A simples menção das duas principais causas pressupostas dos desvios da sexualidade: as parafilias (ou perversões) e a diversidade sexual, nos colóquios informais, mas que possibilita refletir sobre o imaginário coletivo e social, em relação a sexualidade e suas expressões.

No capítulo 4 – O objeto da pesquisa e as materialidades encontradas, para se pensar a estrutura deste trabalho acadêmico e que serviram de ponto de partida da monografia (a matéria jornalística do G1) e o site dos Dependentes de Amor e Sexo Anônimos.¹ Assim como apresentar a rede de cuidados e apoio localizado na pesquisa. Explicitar a necessidade da visibilidade e a gravidade dos agravos sociais e de saúde vivenciados pelos dependentes de amor e sexo, que seguem pelas veredas de maior obscurantismo social. A temática do sexo e da sexualidade está numa região tão isolada e proibida, que mexer com estas questões pressupõe voltar às origens teológicas, do atentar contra DEUS e resgatar o pior dos pecados originais. Portando tal realidade de penumbra expressa as consequências por lidar com questões que vão contra o sagrado, a pureza do ser e as virtudes tão caras e perseguidas nesta sociedade ortodoxa e conservadora.

No capítulo 5 – Uma simples menção de outro olhar sobre a sexualidade e suas possibilidades para o engrandecimento e sentimento de pertença do ser ao meio em que está inserido. A finalidade é de sugerir que há outras maneiras de significar as relações e as expressões humanas. Que em essência vai de encontro com os propósitos do Serviço Social, fomentar uma nova forma de socialização, participação político-econômica e a inserção de todos na dinâmica social equilibrada, equitativa e emancipatória do ser humano em sua

¹ Vide anexos.

integralidade e nas suas subjetividades, que enriquecem a vida com o compartilhamento dessas expressões e saberes acumulados.

JUSTIFICATIVA

É sabida a relevância da discussão sobre o sexo e a sexualidade humana, considerando estes como parte dos elementos constitutivos do ser humano e seu viver. O sexo e a sexualidade demonstram características de aspecto biológico, da natureza comportamental, entre tantas outras do homem. Partindo desse argumento, a revelação da dependência sobre o amor e o sexo, se tona ainda mais emergente, pois suas implicações irão reverberar direta e imediatamente no ser e em sua constituição, assim e a partir desse pressuposto teórico, modificar todas as suas práticas, ações, cognições e nas suas relações sociais e inserção no meio social.

Com a materialidade² do objeto alvo da pesquisa, suas características e a natureza das implicações que parte dele, traz a luz da observação, questionamento de extrema relevância, na busca da compreensão do viver do dependente de amor e sexo, em suas mais variadas características, assim como efeitos produzindo efeitos diretos nas relações de natureza societária, onde o dependente está inserido.

Ao mero estímulo do pensamento sobre a dependência de amor e sexo, imediatamente cria-se uma efervescência de questionamentos, pressupostos e impressões sobre as possíveis causas de tal comportamento. Mas a seriedade e complexidade da demanda que tal dependência traz em seu bojo, não pode ser tratada como um fato curioso, por frivolidades ou por meros julgamentos ou “achismos”. O objeto requer maior concentração de olhar, pesquisa, estudo, busca de material/arcaouços teórico-metodológicos, com o viés científico, para a elucidação da problemática, com a perspectivas de seu conhecimento e a partir disto, procurar meios de intervenção assertivos, que o tema implica e necessita.

Devido o vasto trabalho que a dependência de amor e sexo suscita, a função desta monografia é de procurar trazer à luz do olhar esse objeto de estudo, estimular a aproximação ao objeto, suscitar questionamentos e por fim, explicitar a necessidade de intervenção emergencial sobre a dependência de amor e sexo, pois existem um número incalculável de pessoas que estão sofrendo com o processo de degradação e degeneração do sentimento de

² Vide anexos.

pertencimento e de humanidade, em virtude das práticas e comportamentos mais variados que esta dependência faz o sujeito adquirir e desenvolver. Sua produção consistiu na coleta de informações para apresentar a materialidade do objeto de pesquisa, pois a sua condição de invisibilidade é o maior desafio a ser transposto e da mesma forma criar evidências da relevância da discussão. Em seguida foram estudados textos, que pudessem contextualizar o objeto de pesquisa e logo após, apresentá-lo enquanto material investigativo e elucidar as suas problematizações. Por fim mostrar a necessidade da intervenção específica sobre a dependência de amor e sexo, visto suas características próprias e peculiares e também pelo sigilo que a intervenção propõe, em virtude de como a temática é encarada na sociedade.

Faz-se imprescindível o desenvolvimento de projetos de pesquisa e aprofundamento do tema, para que estes fomentem trabalhos científicos, que venham a produzir ações e material acadêmico que promovam a mudança do olhar e de ações ao atendimento dos dependentes de amor e sexo, e com a perspectiva da quebra da estigmatização que sofrem estas pessoas, promovendo com isto o acolhimento e a atenção aos cuidados que necessitam, seja por promoção de políticas públicas, assim como por aproximação e esclarecimento à sociedade desse mal, silencioso, silenciado e recluso à ignorância e a uma condição de invisibilidade, a única maneira possível e “mais tranquila” de se viver como dependente de amor e sexo, diante das inimagináveis complicações vividas no ato de sua condição de vida.

Parece que por muito tempo teríamos suportado um regime vitoriano e a ele nos sujeitaríamos ainda hoje. A pudícia imperial figuraria no brasão de nossa sexualidade contida, medida, hipócrita.

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza, As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticências excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma total tolerante familiaridade; Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade da decência se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. (FOUCAULT, 2007, p.9)

CAPÍTULO 1 – A SEXUALIDADE FRENTE A SOCIEDADE OCIDENTAL

1.1 A SOCIEDADE COMO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO DAS NORMATIVAS DO AMOR, DO SEXO E DA SEXUALIDADE

Ao ser pensada a formação da sociedade ocidental e sua base capitalista, liberal, conservadora e em que seu cerne pulsa a divisão de duas classes sociais distintas: a burguesa e o proletariado (composta pelos trabalhadores assalariados e todo o resto da população, incluindo os sujeitos totalmente excluídos dos meios produção e acesso aos seus bens produzidos, com destaque a renda e aos direitos básicos e fundamentais da vida humana e em sociedade).

A burguesia como classe social específica, se faz detentora dos meios de produção, articuladoras da economia, dos jogos políticos, das regras societárias em macro, das grandes transformações na dinâmica dos meios de produção e disponibilidade de trabalho em todos os seus setores, tem em seu movimento a busca da concentração máxima controle ao acesso aos bens e riquezas produzidos e do poder, direcionando com sua persuasão as ações dos Estados, buscando a prevalência de seus interesses próprios sobre estes e em suas nações e população.

O proletariado que nos princípios era representado pelos trabalhadores e sua força de trabalho, como bem de inserção a ser empregado no movimento produtivo, de forma assalariada e também como consumidores distanciados da geração de riqueza produzido pelo processo capitalista. Fazia-se peça fundamental com sua força de trabalho produtivo e reprodutivo, agregadora de valor aos bens, mercadorias, serviços e demais transformações e beneficiamentos por estes desencadeados e negociáveis.

Nesta perspectiva tudo se tornou negociável e por isso mesmo passou pelo crivo dos capitalistas, e seu rigoroso controle, à fim de não ser perdida a matéria e muito menos a energia transformadora, que representavam valorização e enriquecimento. Ter o controle sobre os mesmos, remetia a segurar sob seu julgo os pilares da reprodução do viver social.

Por outro lado com os avanços das mais variadas áreas do saber humano e juntamente das tecnologias a serem disponibilizadas à serviço da produção e reprodução capitalista, exigindo menores custos a longo prazo e maior acúmulo de riquezas à quem destes recursos se beneficia, promovendo a hegemonia de corporações inteiras, que entre si lutam pelo enriquecimento em esferas inimagináveis, destituem grandes massas proletárias do seu lugar no movimento do capital.

Este pensamento a princípio parece não ter uma relação aprofundada na constituição das relações sociais da população e na constituição de seus valores e na reprodução da vida comunitária, isto é, na ponta.

Mas no interior desta peleja das lutas de classes e suas implicações na ordem societária vividas por uma população e mesmo Estados inteiros, há expressões que se traduzem que somadas expressam a questão social.

No momento em que há o surgimento do capitalismo, juntamente surgem as expressões e danos produzidos por este, que por sua vez faz expressa a questão social.

A questão social é um estado de coisas, que é volátil, se amolda e expressa conforme a adaptabilidade do capitalismo. E assim sendo, se faz representada por quaisquer elementos constitutivos fundantes e sustentadores deste sistema.

Logo, ao se pensar que no bojo dos valores capitalistas que são exatamente sincrônicos dos valores burgueses e por eles nutridos, podemos pensar que o conservadorismo, a moral e a ética burguesa, o liberalismo, entre outros elementos, estão embutidos e se fazem representar na questão social.

A questão social acaba sendo algo também reproduzido e internalizado socialmente, de forma que suas manifestações, ainda que restritivas, excludentes, usurpadoras e penalizadoras, de modo é vivenciada como uma base fundante das relações humanas e sociais de maneira naturalizada (como se fosse um valor nato, vindo das entranhas, mas que na

verdade foi absorvida), mas com origens em um processo acumulador, a favor de um grupo seletivo.

Assim em toda a manifestação humana, a questão social se embrenha e permeia com suas características e Foucault através de seu discurso sobre a sexualidade, expressa claramente, como através de um dado controle e interesse burguês, a sexualidade acaba sendo aferida por estes e consecutivamente pelos interesses capitalistas, desde a sua formação, modificando com o passar dos tempos.

Vê-se que junto com os interesses burgueses, todo o arcabouço utilizado por estes para manterem e perpetuarem seus interesses, também fora reproduzido como princípios e métodos fundantes da organização social, fato que também imanta a questão social e por fim, minimiza grave prática de violação de direitos e do próprio sujeito, em suas mais variadas necessidades, complexidades, subjetividades e expressões.

A questão social é indissociável da sociedade de classes e seus antagonismos constituintes, envolvendo uma arena de lutas políticas e culturais contra as desigualdades socialmente produzidas, com o selo das particularidades nacionais, presidida pelo desenvolvimento desigual e combinado, onde convivem coexistindo temporalidades históricas diversas. A gênese da ‘questão social’ encontra-se no caráter coletivo da produção e da apropriação privada do trabalho, de seus frutos e das condições necessárias à sua realização. [...] A ‘questão social’ condensa múltiplas desigualdades mediadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais, relações com o meio ambiente e formações regionais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da civilização. Dispondo de uma dimensão estrutural – enraizada na produção social contraposta à apropriação privada dos frutos do trabalho, a ‘questão social’ atinge visceralmente a vida dos sujeitos numa luta aberta e surda pela cidadania [...], no embate pelo respeito aos direitos civis, políticos e sociais. Esse processo é denso de conformismos e rebeldias, expressando a consciência e a luta que acumule forças para o reconhecimento das necessidades de cada um e todos os indivíduos sociais. (IAMAMOTO, 2013, p. 330-331)

1.2 A ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL DE FOUCAULT SOBRE A SEXUALIDADE

As reflexões e análises críticas sobre o desenvolvimento das relações de sexualidade nas sociedades ocidentais, cerceados pelos seus valores ortodoxos, conservadores, moralistas, controladores e pudicos, faz-se perceber as suas replicações na contemporaneidade e principalmente ao procurar entender o espaço constitutivo das relações sociais em que estão inseridos os dependentes de amor e sexo. Há uma justaposição de elementos que chama a atenção e não pode ser descartada. A medida que Foucault desenvolve o seu raciocínio, cria-se um link direto com as consequências vividas por estes dependentes, e estando estes no lado

extremamente oposto ao idealizado pela elite burguesa, o impacto que sentem sobre as suas ações é da mesma intensidade e proporção, o que em momentos para explicar o fundamento de tantas coisas. Este talvez seja um dos mais importantes pressupostos teóricos que disparam toda a reflexão ao tema. Abaixo seguem recortes de seus pensamentos que fundamentam esta percepção.

Foucault (2007: p. 9) aponta que a burguesia vitoriana restringe o local da sexualidade ao seio familiar, com o propósito exclusivo da reprodução, onde o sexo é silenciado. É permitido ao casal que fora legitimado à praticá-lo, nos conformes legais, onde como regra aponta: *“guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.”*³ O autor revela que o quarto do casal como espaço permitido para a vivência da sexualidade e da prática sexual e coloca: *“Ao que só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos.”*⁴ E ainda:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam em atos ou palavras. (FOUCAULT, 2007, p. 10)

Continuando a reflexão Foucault (2007) apresenta que a repressão é frágil por dois fatores humanos: a hipocrisia é um traço marcante, assim como a necessidade de atender seus desejos, impulsos e prazeres. Para ele é o que promove o rompimento com as regras, o lucro, mesmo que partam de ambientes apartados.

Isso seria próprio da repressão e é o que distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona. decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim mancharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. Porém, forçada a algumas concessões. Se for preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. O rendez-vous e a casa de saúde são lugares de tolerância a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica – estes “outros vitorianos”, [...] parecem ter feito passar, de maneira sub-reptícia, o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se constam; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipo de discurso clandestinos, circunscritos, codificados. Fora desses lugares, o puritanismo moderno

³ FOUCAULT, 2007 p. 9.

⁴ FOUCAULT, 2007 p. 10.

teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo (FOUCAULT, 2007, p.10-11)

E para além da questão pudica, Foucault traz a luz da discussão a implicação da ordem industrial e capitalista que capta o máximo da força de produção e energia a serviço de seus interesses.

Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado. Uma grave caução histórica e política o protege: a origem da Idade da Repressão no século XVII, após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo: ela faria parte da ordem burguesa. A crônica menor do sexo e de suas vexações se transpõe, imediatamente, na cerimoniosa história dos modos de produção: sua futilidade se dissipa. Um princípio de explicação se esboça por isso mesmo: se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral é intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se? (FOUCAULT, 2007, p. 11-12)

Por outro lado, a regulação do sexo e da sexualidade em suas elaborações estruturais, exige ainda maior, contínua e permanente abordagem, se tornando o outro viés que leva a ruptura do silêncio, preconizada, como aborda Foucault (2007). Se faz preciso argumentar muito para ter legitimação do controle pudico e censorador.

O autor (FOUCAULT, 2007) relata que no século XVII “*como ponto ideal para um bom cristão*” além de estar em constante vigília sobre as mais mínimas e minuciosas manifestações do ser, ainda que por pensamentos e/ou por ações involuntárias como os sonhos e os desejos, deveria, ser faladas e expostas nos mínimos detalhes, para dimensionar o pecado que está originado no corpo, assim como até onde acabou por ceder à estes impulsos e vontades.

Já no século XVIII, seguindo a reflexão do autor, há por parte do Estado, a necessidade de olhar para seu aparato e ver que o instrumento principal a lidar é o aspecto populacional, partindo deste em sua quantificação a demanda das ações de todas as naturezas de ações a serem articuladas, que implicavam nos:

[...] fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidências das doenças, forma de

alimentação e de habitat [...] situam-se no ponto de intersecção entre os movimentos próprios à vida e os efeitos particulares das instituições [...]. (FOUCAULT, 2007, p. 31)

Nesta perspectiva o sexo e a sexualidade estão inseridos neste crivo e também teriam suas implicações nos meandros da organização territorial e de outras instâncias da sociedade, nas manifestações sociais e sobre suas relações.

Ainda acompanhando o desenvolvimento da argumentação e sua linha do tempo sobre tal tema, expõe sobre a regulação estatal nos séculos XIX e XX:

Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico [...]. Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, que também cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública [...].⁵ (FOUCAULT, 2007, p. 32-33)

Também aborda sobre o olhar científico XIX:

É inegável que o discurso científico sobre o sexo, no século XIX, era transpassado de credulidades imemoráveis e também de ofuscações sistemáticas: recusa de ver e ouvir; mas – e, sem dúvida, nisso está o ponto essencial – recusa que se referia àquilo mesmo que se fazia aparecer, cuja formulação se solicitava imperiosamente. Pois só pode haver desconhecimento sobre a base de uma relação fundamental com a verdade. Esquivá-la, barrar-lhe o acesso, mascarar-la, são táticas locais que surgem como que em sobreposição, e através de um desvio de última instância, para dar forma paradoxal a uma petição essencial de saber. Não querer reconhecer ainda é uma peripécia da vontade de verdade [...] Desconhecimento, subterfúgios, esquivas só foram possíveis e só tiveram efeito baseados nessa estanha empresa: dizer a verdade do sexo. Empreendimento que não data do século XIX, mesmo se o projeto de uma ciência lhe emprestou, então, forma singular. Ele é o pedestal de todos os discursos aberrantes, ingênuos e arditos em que o saber sexual parece ter-se, durante tanto tempo, extraviado. (FOUCAULT, 2007, p. 63-65)⁶

⁵ Adiantando a leitura Foucault (2007, p. 45) traz: “[...] diferentes códigos não faziam distinção nítida entre as infrações às regras das alianças e os desvios em relação à genitalidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a ‘carícia’ recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o ‘contra-natureza’ era marcado por uma abominação particular. Mas era percebido apenas como uma forma extrema do ‘contra-a-lei’; também infringia decretos tão sagrados como o do casamento e estabelecidos para reger a ordem das coisas e dos seres.”

⁶ No coluna Almanaque da Folha de São Paulo de 27/12/1976, J. B. Natali/Paris expõe: “‘Scientia sexualis opõe culturalmente, segundo Foucault a ‘ars erotica’ (arte erótica) que certas civilizações (China, Índia, mundo mulçumano) aplicam à sexualidade, definida como mistério e assunto passível de um processo de iniciação e aprendizado. A ‘scientia’ ocidental procura ao contrário, definir seus parâmetros dentro dos quais opera a

O outro fator que cabe recorte e destaque é como retrata o peso do poder sobre o sexo:

Sob o tema geral de que o poder reprime o sexo, como na idéia da lei construtiva do desejo, encontra-se a mesma hipótese mecânica do poder. Ela é definida de maneira estranhamente limitativa. Primeiro, porque se trataria de um poder pobre em seus recursos, econômico em seus procedimentos, monótono nas táticas que utiliza, incapaz de invenção e como que condenado a se repetir sempre. Em segundo lugar, por que é um poder que só teria a potência do “não” incapacitado para produzir, apto apenas a colocar limites, seria essencialmente anti-energia; esse seria o paradoxo de sua eficácia: nada poder, a não ser levar aquele que sujeita a não fazer senão o que lhe permite. Enfim, porque é um poder cujo modelo seria essencialmente jurídico, centrado exclusivamente no enunciado da lei e no funcionamento da interdição. Todos os modos de dominação, submissão, sujeição se reduziriam finalmente, ao efeito da obediência. (FOUCAULT, 2007, p. 95-96)⁷

Observando estes recortes, que remontam desde a formação do capitalismo e da consolidação da burguesia como poder influenciador e estruturante dos contratos sociais; em busca da hegemonia e da perpetuação de sua condição na estrutura social, influi diretamente nas regras do viver humano e em sociedade e esta reprodução é sentida nas manifestações mais sutis da questão social e nos valores nela contida, se replicando sólida ou revigorada por interesses privativos, através dos tempos, como é fortemente percebido no bojo do neoliberalismo, da retomada do conservadorismo ortodoxo, da premissa meritocrática e controladora do capitalismo, expressada no mais profundo materialismo e individualismo.

1.3 AS EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

inclusão do que é aceitável no campo da normalidade, e a exclusão do inaceitável deste mesmo campo.” Aponta ainda que a “scientia sexualis” ocasionou em seu bojo os seguintes fenômenos: na psiquiatria criaram-se terminologias para definir cada anomalia no que tange ao sexo; na ciência tem-se a confissão como técnica terapêutica (o narrar tudo) diante do representante da instituição, inclusive o que se encontrava bem omitido, resguardado, para evidenciar o mal, a enfermidade; e no aspecto do direito diz: “[...] discurso intermediário entre o cidadão e o Estado – passa a incorporar a nova nomenclatura e a identificar os indivíduos portadores de anomalias.”

⁷ E estendendo a abordagem de Foucault (2007, p. 103) temos: “*Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas por que se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda a relação entre um ponto e outro. O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E ‘o’ poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito do conjunto, esboçado a partir de todas essas modalidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvidas, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.*”

Em Reis (2017) enquanto discorre sobre seu interesse ao que tange à temática da ética sexual como militante de um movimento social LGBT, coloca:

[...] a discriminação sexual, entendida como o conjunto das distinções injustificadas que sofrem os indivíduos quando seus comportamentos amorosos e eróticos os levam a outros do mesmo sexo, acarretando a desigualdade de direitos, a violência, a morte, a exclusão e o isolamento social e a vulnerabilidade acrescida. Esta discriminação muitas vezes tem suas raízes na forma como a sexualidade, e sobretudo exercida de maneira contrária ao convencionalmente aceito, é vista negativamente pela tradição moral greco-judaico-cristã, que faz parte da cultura em que estamos inseridos.

Ainda numa visão mais ampla, percebe-se que a ética sexual predominante em nossa sociedade também resulta em conceitos, expectativas e pressões que são capazes de restringir o desenvolvimento pleno das pessoas de modo geral. Seu caráter prescritivo implica numa particular relação entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo faz parte de um meio sociocultural que estabelece limites morais entre o permitido e o proibido, e que tende a reprimir e policiar as manifestações da sexualidade, ou seja, vivemos em uma sociedade em que se restringem a expressão e a prática da sexualidade, devido imposições das convenções culturais e condutas sociais, e quem vive sua sexualidade de forma autônoma, na busca da autorrealização, por exemplo, corre o risco de transgredi-las. (REIS, 2017, p. 18-20)⁸

Reis (2017, p. 20) em sua reflexão reforça o fato de o contexto social em que a sociedade está inserida no contexto atual provém da cultura ocidental e por conseguinte a ética relativa a sexualidade, é norteada pelos seus valores provenientes dessa matriz e afirma que para compreender seus ditames, há de ser acompanhada a “*tradição filosófica*” do pretérito até os tempos atuais.

CAPÍTULO 2 – A SEXUALIDADE E A TEOLOGIA

2.1 A SEXUALIDADE FRENTE AOS DOGMAS RELIGIOSOS DA IGREJA

⁸ Reis (2017, p. 20-22) traz: “Foucault e Chauí observam em enfraquecimento da hegemonia da igreja católica sobre a moralidade sexual a partir do século XVIII, coincidindo com o fortalecimento da sociedade do mercado e o empoderamento do Estado e seu controle sobre as ações da população. [...] A repressão sexual, antes do domínio da Igreja, se instala agora também nas ações do Estado. A expressão do que é considerada uma sexualidade correta fica cada vez mais padronizada, mais restritiva. Cerceia e impõe normas universais incompatíveis com a singularidade inerente à sexualidade das pessoas. (...) Perceber este contexto possibilita ter uma noção dos vários fatores que contribuíram no decorrer de séculos para determinar a moral sexual predominante na nossa sociedade atual. Alega-se que as diversas restrições ou permissões em relação à sexualidade têm existido, de modo geral, e de uma maneira ou outra, para garantir a perpetuação da raça humana e para salvaguardar contra as consequências negativas da sexualidade. [...] a importância da ética sexual [...] ‘precisa ser um cão de guarda meticulosamente vigilante.’ [...] A atividade sexual, além do prazer, é acompanhada de uma enorme vulnerabilidade física e psicológica: nela as pessoas expõem toda a sua intimidade e podem sair machucada da experiência. [...] Tradicionalmente, a moral sexual tem sido imposta por forças externas ao indivíduo: pelas religiões, pela lei, pela ciência e, por conseguinte, pela própria sociedade que assimilou essa moral. criando uma pressão que de certa maneira obriga os indivíduos a se conformarem com ela.”

As construções dos valores espirituais e religiosos das sociedades ocidentais hegemonicamente são pautados, desde sua gênese pelos valores cristãos. E estes inicialmente foram fomentados pela Igreja. A Igreja com seus dogmas religiosos, muitos ortodoxos, reproduz no cerne de seus valores éticos e morais, práticas rígidas e conservadora. Desta forma, as implicações da ação eclesiástica, corroboram e fortalecem as premissas ditadas pela burguesia, que por sua vez acaba fortalecendo ao capitalismo, Junto a ele, promove os seus princípios, solidificando suas bases, a sua estrutura, assim como, promove e naturaliza a distinção das classes na forma do viver humano. E mais profundamente delega à pessoa a responsabilidade da conduta social. Onde portador de consciência, o indivíduo tem responsabilidade incondicional por sua conduta social.

Somado a este pensamento, cabe ao ser cumprir os desígnios celestiais, ainda que isto signifique os mais variados enfrentamentos e expressões de desigualdade humana e manifestações da questão social, numa perspectiva inversa, pois cabe à si, individualmente conduzir sua alma á superação das condições adversas em sua vida. Nesta perspectiva reforça a reprodução do sujeito ser o principal agente causador do seu sofrimento, seja de que natureza for.⁹ E isto incidirá com maior intensidade nas questões que envolvem a sexualidade e o sexo, pois é encarada como uma escolha pessoal da conduta que toma frente aos chamamentos íntimos desta natureza.

Há nesta conduta a replicação da reprovação, do julgamento, da culpabilização, que está embutida de um desejo de penalização (do pecado). O que é simplista, pois se buscar as causas originárias do “mal”, muitos procedem dos valores adotados pelos burgueses, que permitem a perpetuação do capitalismo e a reprodução da questão social, que se faz na ponta, expressada nas condutas das pessoas, ainda que não se deem conta disso. E são cobradas e responsabilizadas pelos efeitos que sofrem. No que tange ao fato de preparo para lidar com as questões relativas à sexualidade e o sexo, a condenação se torna ainda mais feroz, por ter relação direta ao restrito, íntimo e que deve ser controlado e pudicamente ocultado.

⁹ Ceccarelli; Salles (2010) apontam em seu artigo: “[...] embora os valores ético-morais ocidentais encontrem suas raízes na tradição judaico-cristã, o ascetismo em relação aos prazeres e o legado pessimista que hostilizava o corpo derivam-se sobretudo de considerações médicas. [...] Esta visão da sexualidade foi intensificada por uma das escolas na filosofia antiga – estoicismo – cuja influência se deu sobretudo de 200 a.C. a 250 d.C. [...], fazendo com que a sexualidade fosse concentrada ao casamento. Esta torna-se ‘uma permissão para a satisfação da luxúria ou do prazer para aqueles que os consideravam indispensáveis. [...] Mais tarde, quando o prazer carnal no ato conjugal tornou-se um problema teológico, o próprio casamento passou a ser questionado: uma das mais fortes consequências desta nova posição foi a valorização do celibato. [...] Os grandes Padres da Igreja – Agostinho, Jerônimo e Tomás de Aquino – contribuíram muito para a manutenção do negativismo em relação ao prazer sexual característico da influência estoica. O sexo só se justificava para a reprodução, caso contrário traria o ‘estigma negativo do prazer’: vemos emergir uma moralidade que é, essencialmente, moralidade sexual.”

Pensando nestas questões, abaixo recortes para reflexão.

Trasferetti (2004) coloca que a Teologia¹⁰ que embora haja pessoas¹¹ que tenham uma fé pura e de valores que causariam no mínimo reflexão, os teólogos não os alcançam. Tais por sua vez ainda que vivam ameaçadas, tendo suas vidas em risco, acabam se apegando à Deus pelo fato de sua bondade divina.

O autor aponta não cabe mais a Teologia Moral omitir-se à esta realidade, independente das características da sociedade em que se insere (mesmo sendo mais moralista e conservadora.

Antes de qualquer julgamento, devemos conhecer a realidade das vidas. O julgamento preconcebido é quase sempre preconceituoso, porque não conhece a realidade por dentro. Não devemos julgar as pessoas por aparências. A vida deve ser conhecida em sua inteireza. Somos todos filhos do tempo e nossa razão marca nossos passos. E todo o tempo apresenta uma realidade que devem ser respeitadas. [...] Cada qual no seu tempo e na sua história. (TRASFERETTI, 2004, p. 12)



Figura 1: (Ilustrativa) Campanha da Fraternidade de 2000 – Exclusão seu rosto e suas máscaras. Fonte: Blog do Toninho Kalunga (2011)

¹⁰ Trasferetti (2004, p. 9) expõe: “Teologia e sexualidade procura mostrar a realidade teológica que caracteriza pessoas e grupos que são marginalizados por razões morais.”

¹¹ Diz Trasferetti (2004, p. 9): “A vida de homossexuais, prostitutas, travestis, e outros, poucas vezes foram objetos de reflexão dos teólogos. [...] Estas pessoas, por viverem uma vida sofrida, carregam dentro de seus corações uma fé recheada de pormenores [...] São pessoas com histórias de dor e, ao mesmo tempo, de amor.”

Uma postagem da internet que cabe o apontamento, é do Toninho Kalunga em seu blog, discorrendo os objetivos da Campanha da Fraternidade de 2000 numa perspectiva ecumênica.¹²

Quanto Trasferetti (2004) relata ter sido um destaque da Campanha da Fraternidade de 2000 possibilitar a promoção da reflexão que *“já existem condições para que todas as pessoas da Terra possam viver com dignidade.”*

CAPÍTULO 3 – A SEXUALIDADE VISTA PELOS DILEMAS¹³

3.1 DOS DESVIOS SEXUAIS¹⁴

Silva (1986) aponta que os estudos sobre a sexualidade humana até os anos 50 eram tratados só por médicos, em sua maioria psiquiatras, médico-legistas ou sexólogos e

¹² Em seu blog Toninho Kalunga (2011) aponta: *“Unir as Igrejas cristãs no testemunho comum da promoção de uma vida digna para todos, na denúncia das ameaças {a dignidade humana e no anúncio do evangelho da paz, esta é a primeira experiência de diversas Igrejas Cristãs de construir juntas uma reflexão sobre um tema determinado. Com isso, as Igrejas Cristãs, demonstram que o diálogo, a tolerância e o respeito às individualidades são fatos fundamentais para a convivência no novo milênio que se inicia. A CF 2000 – Ecumênica tem objetivos a atingir. Um deles é unir as Igrejas cristãs no testemunho comum da promoção de vida digna para todos, na denúncia de ameaças à dignidade humana e no anúncio do evangelho da paz, superando as divisões. Nesta meta maior está também a proposta de um modelo de vida em que os valores morais e éticos exaltem a dignidade da pessoa humana, onde evitem as exclusões que marginalizam. Criem condições de paz, promovam a solidariedade e a partilha. Não está fora a promoção do diálogo, do respeito à liberdade de consciência e de religião a defesa do meio ambiente, a busca da verdade que liberta e de soluções não-violentas para os conflitos sociais, a fim que se criem condições de sobrevivência, também para as futuras gerações. A CF 2000 poderá ser uma maneira de se curar as feridas da divisão, mantendo um diálogo aberto com a sociedade, cujas angústias, lutas e esperanças são de todos os cristãos.”*

¹³ Aqui neste capítulo há somente a menção dos dois principais dilemas do sexo e sexualidade, ao se pensar num primeiro momento: como fazê-lo? com quem fazê-lo? e como expressar sua sexualidade. Há uma linha tênue em as normas morais e convenções estabelecidas, que dão de frente com a possibilidade com a possibilidade das mais variadas expressões de se viver a sexualidade. Pior ainda é se pensar no sexo feito fora desses moldes, a animosidade se torna ainda mais agressiva, antes de ser pensado quaisquer intervenções, assistências, a possibilidade de trabalhar a empatia ou ao menos a aproximação da psique (o inconsciente, o id de Freud). No que tange aos dependentes de amor e sexo, pode também constituir elementos existentes em sua compulsão, o que os fazem se isolar ainda mais, serem repudiados e culpabilizados e penalizados severamente por não dar conta de ter o controle sobre seus impulsos e desejos, assim como por não conseguir se conduzir com urbanidade.

¹⁴ A princípio este título era “das perversões” em menção ao discurso de Silva (1986), no sentido etimológico da palavra perversão como: 1. *ao ou efeito de perverter(-se)*; 2. *condição de corrupto, de devasso*; 3. *mudança do estado natural*; 4. *termo que designa desvios do comportamento ou das práticas sexuais normais ou assim consideradas*. (Fonte: dicionário on line), alterado segundo o artigo de saúde da Equipe Boa Saúde, o termo perversão que equivale a parafilia ou desvio sexual é utilizado apenas num conceito jurídico (BOA SAÚDE, 2019), o que remete a reflexão do peso da interpretação legal para culpabilização ou penalização do sujeito.

posteriormente com o avanço de outras ciências do comportamento, passaram a contribuir na análise, a exemplo da Sociologia, Psicologia, Psicanálise, Antropologia,

Continuando seu discurso, Silva (1986) narra que a contrário do que pregava os alienistas do passado, a manifestação de um desvio na sexualidade por uma pessoa, não representa necessariamente que seja um pervertido ou doente mental. Observa (SALES: 1986, p. 9) que: *“Havia mesmo certa mania de generalizar, enquadrando no rol dos loucos e degenerados aqueles cuja conduta com as tradições sociais morais herdadas.”*

E adiante ressalta:

Mas uma pessoa que se comporta de maneira destoante pode ter perfeito equilíbrio psíquico ou mental. Apenas não comunga, por motivos diversos, com os seguidores das normas que a sociedade como perfeita. De forma que as chamadas taras, degenerações e perversões denotam, muitas vezes, uma modalidade de comportamento próprio de algumas épocas e culturas. (SILVA, 1986, p. 9)¹⁵

Silva (1986) salienta em seu discurso que a pornografia tomou outra conotação entrando *“em muitos lares descentes como coisa natural. Na verdade, quase não há mais expressões obscenas.”*¹⁶

Estende-se seu pensamento considerando tais fenômenos explicáveis pela Sociologia pelo viés cultural, sobressaindo sobre os olhares clínicos, exceto ao ser tratar de fato de distúrbios mentais ou psicológicos, que necessita do auxílio da Medicina, priorizando o da Psiquiatria. Da mesma forma considera que com relação a disseminação AIDS, ocasiona um pavor geral, ampliada pelo sensacionalismo.

O autor considera que as taras, perversões e degenerações, olhadas de formas pejorativas, consideradas pelos alienistas como enfermidades, passaram muitas vezes a ser

¹⁵ Silva (1986) prossegue na reflexão: *“Atualmente, a compreensão mudou bastante e o comportamento de algumas minorias eróticas não tem a mesma reprovação da sociedade a não ser entre os mais conservadores. A moral sempre oscilante no tempo e no espaço, foi-se adaptando à realidade contemporânea e não é mais tão obsceno o que os velhos moralistas reprovavam. Também muitas leis antes excessivamente rigorosas, se abrandaram sensivelmente, evidenciando com isso uma melhor compreensão do ser humano que jamais foi perfeito ou infalível.”*

¹⁶ Silva (1986): *“A humanidade tem vivido períodos variadíssimos, com maior ou menor decoro, de acordo com as gerações seguidoras de uma tradição herdada de um passado sempre inconsciente. O comportamento humano, em todos os sentidos, tem oscilado aqui e ali, ontem e hoje [...]”*

consideradas simples desvios, como novas conotações científicas. Diz (Silva: 1986): “Hoje, sociologicamente falando, o diagnóstico mudou. Muitos não são verdadeiramente doentes, mas podem tornar-se doentes por não resistirem às discriminações da família e da sociedade. E caem na neurose. Sucumbem. Era a confusão que se fazia: trocavam o efeito pela causa.”

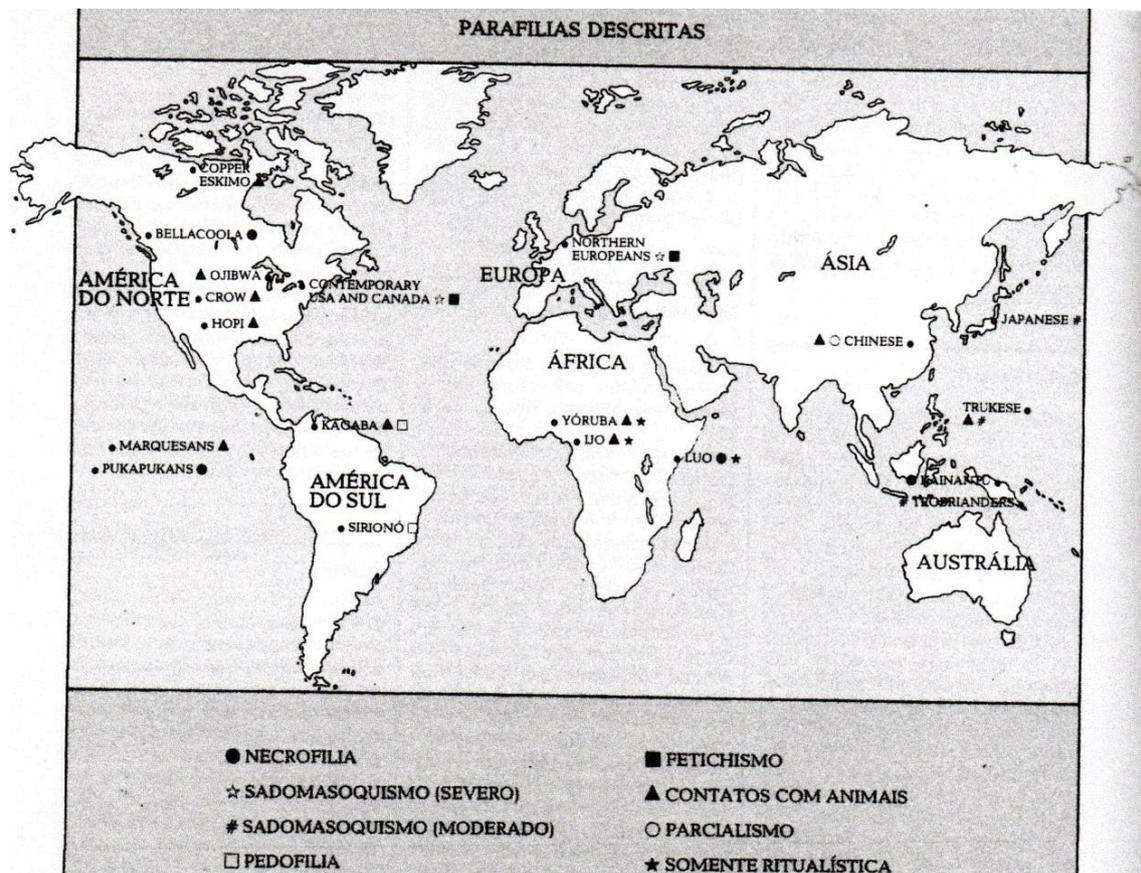


Figura 2: (Ilustrativa) Sobre as parafilias. Fonte: GREGERSEN: 1983, p. 300.¹⁷

3.2 DA DIVERSIDADE

¹⁷ Gregersen (1983: p. 301) esclarece: “Parafilia se refere a interesses sexuais especializados que são relativamente raros. No entanto, o termo não inclui o sexo preferido do parceiro (a orientação sexual). Assim, não trata-se de parafilia o homem se sentir atraído por mulheres como tais, porém a questão é bastante diferente se ele se sentir somente atraído por mulheres ruivas, com mais de 1 metro e 83 centímetros de altura que usem botas pretas de couro. O termo parafilia foi historicamente criado para substituir outro termo, perversão, que sugere uma condenação ou talvez um diagnóstico (errôneo?) em termos de patologia.”

Para Costa (1994: p. 1): “*Sexualidade é o termo que se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual.*” E prossegue: “*Entendemos o ser humano como um todo, indivisível. Nossas partes podem e devem ser estudadas em separado, mas não confundidas ou tomadas pelo todo [...]a sexualidade como parte integrante dos seres humanos, com suas sensações, conflitos e relacionamentos sociais.*”

Cardoso (1996) pontua a orientação sexual como o sentido do desejo sexual, sendo expressa em muitas possibilidades do prazer. Afirma que não é o relativo a prática sexual¹⁸ e nem com a identidade sexual¹⁹.

Sobre o sexo Cardoso (1995) diz: “*O que se faz no sexo passa a ter relevância quando consideramos que, independente de seus significados simbólicos, são práticas sexuais que produzem problemas como a AIDS, por exemplo.*”

¹⁸ Cardoso (1996) traduz como aquilo que as pessoas fazem no sexo.

¹⁹ Cardoso (1986) traduz como as pessoas se sentem ou são nominadas a partir de suas práticas sexuais).

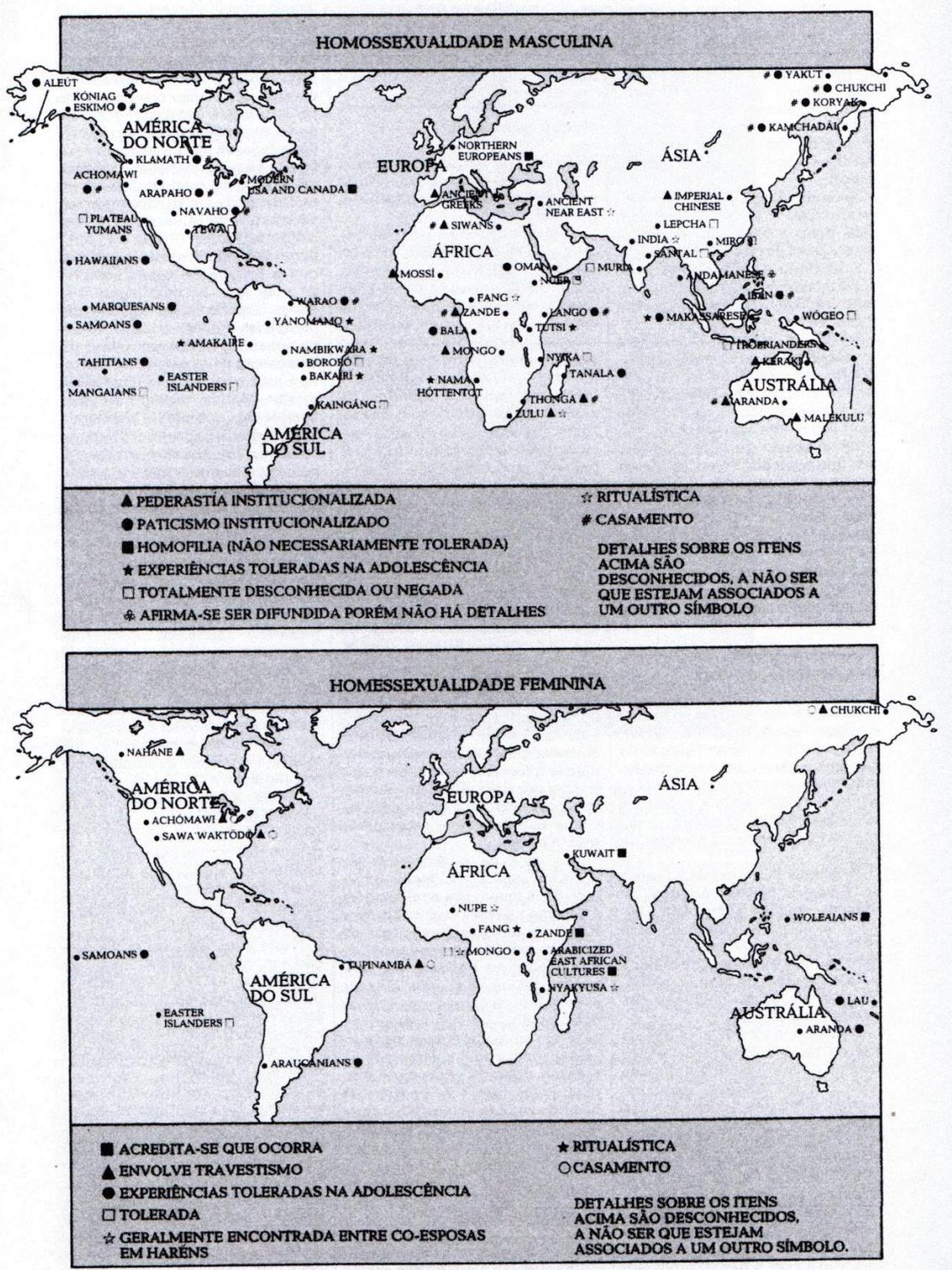


Figura 3: (Ilustrativa) Mapas da homossexualidade. Fonte: GREGERSEN: 1983, p. 296.

CAPÍTULO 4 – SOBRE OS DEPENDENTES DE AMOR E SEXO

4.1 DEPENDÊNCIA DE AMOR E SEXO: ALGUMAS DAS SUAS IMPLICAÇÕES ORGÂNICAS

A matéria jornalística apresenta a demanda de um dependente.²⁰ Em seu texto relata o drama de um homem de 46 anos, chamado pelo pseudônimo de Galego, remontando a vida de suplícios, exposições, vulnerabilidades das mais variadas ordens, degradações, sentimento de culpa e depressão.

Na ocasião da entrevista estava há sete anos tratando sua compulsão.

Até aí, há familiaridades com os milhares de caso de dependência. Mas como a reportagem salienta, é que em seu drama de vida, há milhares de outros que estão espalhados no anonimato. O que há de peculiar no caso, é que se trata de compulsão sexual.

Um estudo sob a dependência química, o SUPERA 13²¹, mostra que a dependência passa a exercer influência sob diversos aspectos do sujeito, com implicações na alteração cerebral de ordem neurobiológicas que *“são influenciadas por aspectos ambientais (sociais, culturais, educacionais), comportamentais e genéticos.”* (SUPERA, 2018, p.10)

Quando nos deparamos com um estímulo poderoso nosso cérebro lança um sinal (aumento de dopamina – importante neurotransmissor do SNC – Sistema Nervoso Central – no núcleo accumbens – região central do sistema de recompensa e importante para os efeitos das drogas de abuso). Esse sinal de dopamina faz com que o cérebro entenda que os comportamentos realizados para buscar aquele estímulo prazeroso devem se repetir.

Normalmente existe aumento de dopamina com estímulos prazerosos: comida, atividade sexual, estímulos ambientais agradáveis [...]. (SUPERA, 2018, p.13)

Neste sentido orgânico e neurobiológico em Freud²² encontramos:

²⁰ Com referência a publicação do G1 – São Paulo de título *“Dependentes de sexo lutam para se livrar das compulsões”* (vide anexos de 1 à 4).

²¹ O curso SUPERA (Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento) de modalidade EaD (educação à distância) e que se encontra na sua 13ª turma, é fruto de uma parceria da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), com a VUNESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo). Inicialmente desenvolvido pela UNIFESP em parceria com a SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça), com início em 2006, contando também na ocasião com a participação das universidades: UFRGS, UFPR, UFRJ e UFBA.

²² Sobre Sigmund Freud temos: *“Médico neurologista de formação [...] Embora o pai tenha lhe transmitido os valores do judaísmo, Freud nunca seguiu as tradições e os costumes religiosos [...] A psicanálise surgiu afirmando que o inconsciente e a sexualidade eram campos inexplorados da alma humana, onde repousava*

[...] já estava claramente interessado na raiz das psiconeuroses – caminho que perseguiu a partir do método clínico ao reconhecer em todo sintoma psíquico uma espécie de hieróglifo. [...] “O paciente tem sempre razão. A doença não deve ser para ele um objeto de desprezo, mas ao contrário, um adversário respeitável, uma parte do seu ser que tem boas razões de existir e que lhe deve permitir obter ensinamentos preciosos para o futuro.” (FREUD, 2019, p. 10-11)

4.2 DEPENDÊNCIA DE AMOR E SEXO: VISÃO DOS SEUS DEPENDENTES ANÔNIMOS

A reportagem faz menção ao DASA²³, como o objeto em destaque na matéria.

Ao pesquisar o site deste grupo de apoio (DASA:2018), há um entendimento por dependência em amor e sexo quando se há na pessoa uma necessidade compulsiva por sexo, as que apresentam um apego desesperado por uma única pessoa.

Todos os membros têm um padrão comum de comportamento obsessivo/compulsivo, seja sexual como emocional (ou ambos), através do qual as atividades e as relações se veem cada vez mais destrutivas e afetam todos os aspectos de suas vidas – a carreira, a família e o conceito de amor próprio. [...] Suas experiências mostram que a promiscuidade sexual é um cultivo de hábitos e relações destrutivas que não se pode vencer somente com a força de vontade. (DASA, 2018)
24

No texto é apontado que os dependentes passam por um dilema (DASA: 2018): “[...] *de ter que viver entre a solidão e o isolamento ou as relações e atividades dependentes que, por outro lado, os teriam levado ao suicídio.*”

[...] a dependência de amor e sexo é uma doença progressiva que não pode ser curada, mas, como várias outras doenças, pode ser detida. Ela pode tomar várias formas – incluindo (sem limitar-se a) uma necessidade compulsiva por sexo, dependência extrema de uma pessoa (ou várias) e ou preocupação crônica com romance, flerte ou fantasia. Existe um padrão obsessivo/compulsivo, seja sexual ou emocional. [...] muitos dependentes de amor e sexo se consideravam párias sociais, pervertidos ou apenas fracos. Outros ainda sentem que só estão perseguindo o que é

todo um potencial para uma ciência ainda adormecida. Freud assumia, assim, seu propósito de remar contra a maré.” (FREUD. 2019, p. 8-9)

²³ De acordo ao site www.dasa-sp.org, este grupo é uma entidade de ajuda mútua, para pessoas “*que experimentaram uma necessidade compulsiva de sexo, como aqueles de apego desesperado a uma única pessoa*” (DASA: 2018), originalmente criado em Boston/U.S.A em 1976 por “*membros que perceberam que o sexo e a dependência emocional estavam afetando suas vidas*” (DASA, 2018), Nos Estados Unidos é conhecido por Sex and Loves Addicts Anonymous – consulte <https://slaafws.org>.

²⁴ E prossegue (DASA, 2018): “*Muitas histórias típicas tem como protagonistas pessoas que visitavam assiduamente certos lugares, que tiveram repetidos contágios de enfermidades venéreas e o medo de serem descobertas por seus familiares. Outras não conseguiam evitar as relações destrutivas e em pouco tempo se encontravam em relações igualmente prejudiciais. Outras, finalmente se dedicavam a atividades sexuais solitárias*

de seu direito. Eles se sentem com permissão à auto-complacência. A teoria [...] é que os dependentes de amor e sexo são pessoas doentes que podem se recuperar [...]. (DASA, 2019)

Analisando este recorte evidencia-se uma população invisível, onde seu número pelo perfil expresso acima poderá ser significativo. Basta acompanhar a procura ininterrupta de sujeitos por diversos sites de relacionamentos, onde existe um enorme apelo sexual e/ou pornográfico, salas de bate papo que conduzem um número incontável de pessoas que os acessam motivadas pela compulsão afetiva e/ou sexual, entre outras situações de exposição e vulnerabilização.

É uma demanda que requer uma pesquisa e um estudo mais aprofundado e aproximativo, à fim de serem criadas ações informativas, de prevenção, acolhimento dos casos, acompanhamento/tratamento à nível especializado, com a perspectiva de atenção de referência específica para esse público com particularidades e traumas tão profundos e o medo de exposição, da exclusão social, do comprometimento da integridade de seu ser, do repúdio das pessoas e principalmente do julgamento casado com o preconceito.

4.3 DOS CUIDADOS EXISTENTES AOS DEPENDENTES DE AMOR E SEXO

Antes de se pensar a rede de apoio para os dependentes de amor e sexo, cabe uma reflexão sobre os cuidados com a sexualidade, numa perspectiva de intervenção preventiva.

É consenso entre autores que a educação em saúde é uma forma de [...] criar um espaço discursivo dos aspectos relevantes da sexualidade objetivando analisar o comportamento do paciente, responder e orientá-lo [...] os autores recomendam a educação sexual considerando-se os seguintes tópicos: resposta sexual humana; aspectos biológicos, sociais, culturais, psicológicos que envolvem a sexualidade; aspectos da sexualidade nas diferentes etapas do ciclo vital; diversidade das práticas sexuais; comportamento sexual de risco, vulnerabilidade social, redução de danos; disfunções sexuais; sexualidade em determinadas situações fisiológicas: gravidez, puerpério, planejamento familiar; sexualidade e métodos contraceptivos; sexualidade em situação de doença: cardiopatia, diabetes, ostomias, cirurgias mutiladoras; sexualidade e métodos contraceptivos; sexualidade, aborto, prevenção e controle de doenças sexualmente transmissíveis – abordando aspectos de higiene, uso preservativos, bem como as consequências advindas com a promiscuidade e hábitos de vida sexual perigosos e modo de transmissão de doenças. [...] No decurso deste processo educativo, é preciso que [...] encampe o espaço do hospital, das creches, escolas, indústrias e empresas direcionando as atividades para o indivíduo, família e comunidade. E, por tratar-se de uma estratégia que requer o apoio de outros profissionais, é recomendável que as ações desenvolvidas sejam desenvolvidas no âmbito da interdisciplinaridade, com a inserção do enfermeiro, médico, psicólogo, sexólogo, dentre outros possíveis. (BAPTISTA; FRANÇA, 2007, p. 5)

Os autores colocam a necessidade de aproximação do tema sexualidade humana, assim como e suas possibilidades, de forma a promover ações educativas em seu atendimento ou em atividades em campo, como multiplicadores da educação, na perspectiva de prevenção à desdobramentos mais graves pela ausência desse conhecimento, assim como propõe uma ação conjunta com vistas dos mais variados campos de ação profissional de modo articulado e conjunto, contribuindo na integralidade do atendimento.

Especificamente aos cuidados com os dependentes de amor e sexo, tal invisível quanto sua demanda é a rede de apoio de cuidados à sua saúde, assim como no âmbito psicoassistencial.

Temos na reportagem do G1 a divulgação do DASA²⁵ como um grupo de ajuda e suporte emocional, aonde os dependentes compartilham suas experiências e saberes, assim como seguem práticas e tradições que fortalecerão no enfrentamento à sua dependência, num trabalho coletivo e esforço individual nos moldes dos Alcoólicos Anônimos.

Há também a apresentação do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (PROAD) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), criando em 1994, que possui o Ambulatório de Tratamento do Sexo Patológico dada a relevância da demanda.²⁶

Neste sentido, o estudo, a aproximação do tema e a busca de literatura de apoio, remete a um hiato, um vácuo, um vazio desolador. O que se traduz a situação de deriva dos dependentes de amor e sexo, que podem passar a vida inteira, sem reconhecerem-se como tais e o mais grave, sem a possibilidade de ter a assistência para as condições vitais que acabam afligidos.

CAPÍTULO 5 – UMA OUTRA CITAÇÃO SOBRE A SEXUALIDADE: POR UM OLHAR NÃO OCIDENTALIZADA (E ÉTNICO-RACIAL)

Marimba Ani²⁷ expõe algo muito reflexivo:

²⁵ Vide anexos 5 à 10.

²⁶ Entrevistada (Iskandarian, 2019) a Dr^a Ana Maria Zampieri (doutora em Psicologia pela PUC SP) revela que “a busca incontrolável pelo prazer tem explicações ‘biológicas, psicológicas e socioculturais’. [...] ‘Situações de abandono ou abuso sexual na infância podem desencadear o problema. As crianças abusadas se tornam adultos carentes, que misturam carinho, atenção com sexo. [...] Buscam exaustivamente preencher o vazio que não foi satisfeito com o sexo’.”

A mente Européia se esforça para encontrar meios racionais para a síntese, mas o gênio do Africano e das culturas majoritárias [...] “reconciliam” dicotomias que, para os europeus, são inevitavelmente irreconciliáveis. Através das modalidades espiritualistas de comunhão ritual e ancestral, por meio da sacralização da vida, eles alcançam o que as teorias racionalistas de não podem oferecer. É empregando os modos de participação e identificação, ao conceber o eu como corretamente junto a outros, de fato, tal como definido em termos do outro, e valorizando reposta emocional que a unidade e a harmonia são alcançados. Ambivalência e ambiguidade só se tornam assustadoras e culturalmente destrutivas no contexto europeu, que não pode lidar com o paradoxo. Culturas majoritárias contêm mecanismos sofisticados que transformam estas dimensões da experiência humana em uma outra forma de unir as pessoas espiritualmente.

Tenho dito que o princípio subjacente que explica e une vários aspectos da vida e do comportamento europeu é a necessidade de controlar; esta está diretamente relacionada com e facilmente explica o problema europeu com amor. Enquanto o “controle” representa um valor, o “amor” não. Em termos da concepção europeia da emoção humana, eles são opostos. Nesta visão se ama na medida em que se dá controle das emoções; controla-se por não deixar-se amar. A experiência de controle (sic) baseia-se na separação rígida e distinção entre o eu e o outro [...]. O conceito Africano de amor, enquanto mais generalizado (isto é, inclui relações mutuamente respeitadas e recíprocas de muitos tipos), é apoiada pelas estruturas dentro da cultura e é, ao mesmo tempo, não obsessivo. Nós não nos arriscamos a perda das relações amorosas, porque o amor é o estado natural de ser oferecido antes do nascimento, garantido por naturezas de base de parentesco da cultura e, portanto, tido como certo. Não é produtor de ansiedade. É natural. Michael Bradley diz que a concepção europeia de amor romântico é necessário para superar a intensa hostilidade entre os sexos entre os caucasianos. Ele se refere a isso como “trégua de amor”. (ANI, 2019)

Sobre esta reflexão, cabe o pensar de cada signo nele imprimido, de forma a estimular a contextualização do viver a sexualidade e o amor nas sociedades ocidentais, frente às outras estruturas, culturas e organizações societárias. O olhar da sociedade para a sexualidade é algo construído e portanto, a visão ocidental sobre o sexo, a sexualidade, o amor e a afetividade, como em todos os demais aspectos da natureza e do viver humano, não são balizados por um único olhar, uma única forma de organização, que com mãos de ferro, articula e exerce pressão para prevalecer e perpetuar como estrutura fundante e hegemônica da sociabilidade humana.

²⁷ Dr^a Marimba Ani (Dona Richards) é norte-americana, possui mestrado e doutorado em Antropologia, atua nos Estados Unidos da América e seu foco de trabalho é voltado para os estudos da África (fonte da informação Wikipédia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento do trabalho ficou premente a necessidade dos cuidados e o fino trato com as “coisas humanas”, e que embora muitas estejam ocultas pelos mais variados motivos, não expressa uma inexistência ou uma exceção, ou uma curva no percurso.

É preciso ser considerada a vida humana em sua integralidade e por este viés e que se dão as relações sociais.

No que tange a dependência de amor e sexo, existe e em proporções inimagináveis e que da mesma forma, precisa ter a visibilidade e o reconhecimento da existência dessa enfermidade.

Em sendo reconhecida, há de ser pensadas ações que corroborem para dirimir seus efeitos nefastos e depreciativos do ser acometidos por este mal. Efeitos das mais variadas naturezas, que implicarão em seu isolamento, incapacidade cada vez maior de sociabilização e um estado de eterna vigilância e cobranças interiorizadas, misto de um sentimento um caráter permanente exposição e o sentimento prévio e constante de flagrante eterno sobre “suas coisas, sua sexualidade e seu sexo”.

Há nos dependentes de amor e sexo uma cobrança implacável e de exclusão societária, frente aos ditames da moral e ética apregoadas com veemência.

Os dependentes de amor e sexo sentem-se destituídos de quaisquer direitos e pertencimento societário. Seguem na penumbra de suas inquietações e reféns de seus desejos e instintos. Aquém de apoios e de uma estrutura que possa acolhê-los e auxiliá-los na perspectiva de romper com tantos males que estão submetidos e as mais impensadas situações de vulnerabilidades, culpabilizações e criminalizações.

Ao Serviço Social, ao ter conhecimento desta demanda, pensa-se o acolhimento dos dependentes de amor, sexo e afetivos, promover o resgate da dignidade humana, do espírito de pertencimento social, de discutir e promover meios que os dependentes de amor e sexo tenham seus direitos sociais assegurados, sua condição de ser social participativo resgatada e que promova a cobrança de rede de apoio, de acolhimento e atendimento seja na esfera psicossocial, como nas demais áreas do saber humano, que venham a corroborar com o resgate e a integralidade desses sujeitos sociais ignorados, ou melhor dizendo, invisibilizados.

A invisibilidade talvez seja em si, a forma mais cômoda para tentar por um lado sobreviver as adversidades impostas nos contratos sociais vividos em nossa sociedade capitalista, neoliberal e conservadora; e por outro lado e na outra ponta, não mexer em coisas

que possam promover a ojeriza, sendo melhor mesmo que nem apareçam, resumindo-as a uma condição de insignificância.

REFERÊNCIAS

ANI, M. O “eu” europeu e o problema do amor. **Esta hora real**. Disponível em: <<https://estahorareall.wordpress.com/2016/09/01/o-eu-europeu-e-o-problema-do-amor-marimba-ani/>>. Acesso em: 09.jun.2019.

BOA SAÚDE. Equipe Boa Saúde. **Desvios sexuais**. Disponível em: <www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/3137/-1/desvios-sexuais.html>. Acesso em: 17.dez.2019.

CARDOSO, F. L. Coleção Primeiros Passos O que é. **Orientação sexual**. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 76.

COSTA, R. P. **Os onze sexos**. As múltiplas facetas da sexualidade humana. São Paulo: Editora Gente, 1994. p. 220.

DASA. **Dependentes de amor e sexo anônimos**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.dasa-sp.org/#>>. Acesso em 13.out.2018.

____. **Dependentes de amor e sexo anônimos**. 40 perguntas para o autodiagnóstico. Disponível em <<http://www.dasa-sp.org/autodiagnostico/>>. São Paulo. Acesso em 03.dez.2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. 18ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2007, p. 176.

FRANÇA, I. S. X.; BATISTA, R. S. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem. **Revista brasileira de enfermagem**. Brasília, vol. 60, núm. 2. p. 202-206, mar-abr, 2007.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019, p. 192.

GREGERSEN, E. **Práticas sexuais**. A história da sexualidade humana. São Paulo: Roca, 1983.

IAMAMOTO, M. V. O Brasil das desigualdades: “questão social”, trabalho e relações sociais. **Ser social**. Brasília, vol. 15, núm. 33, p. 261-384, dez, 2013.

ISKANDARIAN, C. **G1 SP**. Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão. Disponível em: <<http://g1.globo.com/saopaulo/noticia/2010/06/dependentes-de-sexo-lutam-para-se-livrar-da-compulsao.html>>. São Paulo. Acesso em: 13.out.2018.

KALUNGA, T. Blogspot. **Campanha da Fraternidade de 2000 – ecumênica**. Dignidade humana e paz! Novo milênio sem exclusões. Disponível em: <<http://toninhokalunga.blogspot.com/2011/02/campanha-da-fraternidade-2000-ecumenica.html>>. Cotia. Acesso em: 01.dez.2019.

NATALI, J. B. Almanaque. O sexo sem censuras. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_21mai00.htm>. São Paulo. Acesso em: 01.dez.2019.

REIS, J. **Sexo, ética e consentimento**. Curitiba: Appris Editora, 2017. p. 112.

SALLES, A. C. T. C.; CECCARELI, P. R. A invenção da sexualidade. **Reverso**. Belo Horizonte, ano 32, n. 60, p. 15-24. set 2010.

SILVA, V. A. **Nossos desvios sexuais**. Normal? Anormal? Rio de Janeiro: Ediouro, 1986. p. 160.

SUPERA. Módulo 2. **Efeitos de substâncias psicoativas**. São Paulo: EAD Supera, 2018. p. 160.

TRASFERETTI, J. [org.]. **Teologia e sexualidade**: um ensaio contra a exclusão moral. Campinas: Editora Átomo, 2011. p. 216.

ANEXO 1 – G1 SP: Dependentes lutam para se livrar da compulsão. (ISKANDARIAN, C, 2019)

19/05/2019

G1 - Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão - notícias em São Paulo

13/06/2010 14h07 - Atualizado em 13/06/2010 14h07

Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão

Distúrbio faz a busca pelo prazer ser incontrolável e destrói vidas. Universidade paulista e entidade DASA oferecem ajuda.

Carolina IskandarianDo G1 SP



[Facebook](#)

ANEXO 2 – G1 SP: Dependentes lutam para se livrar da compulsão. (ISKANDARIAN, C, 2019)

19/05/2019

G1 - Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão - notícias em São Paulo



[Pinterest](#)



Leonardo, em site de bate papo; encontro pode ser marcado na hora (Foto: Carolina Iskandarian/ G1)

“Eu chegava a sair com seis ou sete mulheres em uma só noite. Enquanto não acabasse o dinheiro, a adrenalina, até eu ficar exaurido, eu não parava. Depois, sentia uma grande culpa e depressão.” O relato é do representante comercial Galego (nome fictício), de 46 anos, que há sete faz tratamento contra a compulsão

ANEXO 3 – G1 SP: Dependentes lutam para se livrar da compulsão. (ISKANDARIAN, C, 2019)

19/05/2019

G1 - Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão - notícias em São Paulo

sexual em São Paulo.

O drama dele é o de muitos que vivem no anonimato. Caracteriza a chamada dependência do sexo ou disfunção sexual. Pessoas que, à procura da satisfação da libido, com parceiros ou não, perdem o controle. Galego conta que pagou tanto para ter prostitutas, bebidas e drogas que faliu. “Em 26 anos, gastei R\$ 1 milhão com a compulsão.”

Histórias da vida real foram parar na ficção. Na novela da TV Globo *Passione*, Maitê Proença é Stela, uma mulher casada que tem fissura por homens mais jovens. Faz sexo com eles sem querer saber seus nomes ou marcar o próximo encontro. Em *Caminho das Índias*, a personagem Norminha, interpretada por Dira Paes, amava o marido, mas não tinha o menor pudor em trai-lo com um monte de desconhecidos.

“A pessoa não tem controle sobre o desejo sexual. É a necessidade de buscar mais prazer, mais parcerias. Isso pode ser através do sexo ou da masturbação”, explica o psiquiatra Alexandre Saadeh, especialista em sexualidade humana.

Prazer virtual

Olhava para um cara na rua e saía com ele ou transava com gente que encontrava em baladas GLS”
Leonardo- dependente

Com as redes sociais, o problema se agrava. “Tem gente que passa o dia inteiro programando atividades sexuais e a internet é ótima para isso”, afirma o médico, que faz parte do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo e dá aulas na PUC-SP. O estudante Leonardo (nome fictício), de 29 anos, até tentou, mas não gostou da experiência do sexo virtual.

“Você se decepciona porque as pessoas não são o que dizem. Teclam com você e com outras tantas ao mesmo tempo”, diz o rapaz. Para preencher o vazio de um relacionamento amoroso ruim, Leonardo, que é homossexual, buscou parceiros fora de casa. Isso começou há oito anos. “Olhava para um cara na rua e saía com ele ou transava com gente que encontrava em baladas GLS”, admite.

Segundo Leonardo, podiam ser cinco pessoas por semana ou duas por dia. “Eu estava totalmente perturbado, sem autoestima. Saía para ouvir dos outros que era bonito, elegante, gentil. Era o que eu não tinha no meu relacionamento”, conta ele, que há dois anos namora, se diz feliz e “equilibrado”.

Ajuda no DASA

Mesmo assim Leonardo continua a frequentar a entidade Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA). A filosofia deles é a mesma da dos Alcoólicos Anônimos (AA). Pessoas se reúnem em sessões periódicas para compartilhar os problemas. São as partilhas. Tudo é na base do diálogo e na premissa de que “só por hoje” o dependente será uma pessoa melhor, sem recaídas.

No caso do DASA, os dramas são relacionados à compulsão pelo sexo, pelo prazer ou insatisfações nos relacionamentos amorosos. “Cheguei lá e vi gente com problemas iguais aos meus. Eu me confortava em saber que não estava sozinho, que não havia preconceito e, sim, muito respeito”, afirma Leonardo sobre o DASA.

As reuniões são uma parte do “tratamento”, que é gratuito e dispensa remédios. A programação foca nos 12 passos, espécie de mandamentos que podem ajudar no processo de recuperação. Eles sugerem que os dependentes admitam o problema, rezem e até façam um “destemido inventário moral” delas mesmas para tentar reparar o mal que possam ter feito a outros. “Nossa finalidade é fazer com que a pessoa se relacione melhor com ela e com os outros de forma saudável”, explica Galego, um dos porta-vozes da entidade.

Tive um paciente que foi à sauna gay e transou com 80 pessoas em um fim de semana”
Aderbal Vieira Jr., psiquiatra

De acordo com o site do DASA, as reuniões acontecem em quatro endereços da capital paulista. Em agosto, Galego acumula sete anos de DASA e de histórias. “Tenho um companheiro de sala que se masturba 40

ANEXO 4 – G1 SP: Dependentes lutam para se livrar da compulsão. (ISKANDARIAN, C, 2019)

19/05/2019

G1 - Dependentes de sexo lutam para se livrar da compulsão - notícias em São Paulo

vezes por dia. Até sangrar. É muito difícil. Você quer parar e não consegue.” Galego afirma que, graças ao apoio que encontrou na entidade, recuperou “muitas áreas” de sua vida, como o relacionamento com a filha e dinheiro.

“Quando a pessoa chega ao DASA está detonada. Depois, começa a progredir e se afasta. Aí podem vir as recaídas”, completa Galego, que acredita ser difícil haver uma cura definitiva. A doutora em psicologia pela PUC-SP Ana Maria Zampieri concorda. “Não existe cura. Existe estar em abstinência da compulsão para o resto da vida”, atesta ela, que publicou livros sobre o tema da sexualidade.

Para Ana Maria, a busca incontrolável pelo prazer tem explicações “biológicas, psicológicas e socioculturais”. Situações de abandono ou abuso sexual na infância podem desencadear o problema. “As crianças abusadas se tornam adultos carentes, que misturam carinho, atenção com sexo. Buscam exaustivamente preencher um vazio que não vai ser satisfeito com o sexo.” O distúrbio ainda pode afetar pessoas muito tímidas, que não conseguem se relacionar.

O funcionário público de São Paulo Fabiano (nome fictício), de 41 anos, conta que foi abusado sexualmente por sua babá aos 3 anos de idade. Acredita que isso influenciou no seu comportamento no futuro. Em 1999, ele disse “estar no auge” da compulsão. “Eu não conseguia ficar um dia sem sexo. Saía antes e depois do trabalho para procurar mulheres”, revela ele, que gastava dinheiro com garotas de programa.

Fabiano chegou a colocar anúncios em jornais para arrumar namorada e diz que sempre foi um menino “muito carente” e, por isso, procurava prostitutas para suprir isso. Quando se casou pela primeira vez, aos 20 anos, pareceu ter encontrado a parceira ideal. “A gente chegava a ter 20 relações por dia.” Hoje, casado novamente, o funcionário público se diz controlado e aliviado em não ter mais a síndrome da abstinência sexual. “Sentia dores no corpo, calor excessivo, irritação e insônia.”

Proad

Há outro caminho para tratar a compulsão sexual: a psicoterapia. O Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (Proad), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), oferece essa ajuda. Os médicos criaram o Ambulatório de Tratamento do Sexo Patológico em 1994. “As pessoas têm devaneios, ficam imaginando o sexo de maneira que não conseguem desligar e a perda de controle é que define a dependência”, conta o psiquiatra Aderbal Vieira Júnior, do Proad.

Segundo ele, o problema atinge tanto homens e mulheres casados como solteiros. Seja de vida pacata seja de vida promíscua. “Tem gente que vai à sauna gay e passa o fim de semana lá. Tive um paciente que fez isso e transou com 80 pessoas”, relata Vieira Júnior. “A pessoa faz quando quer, como quer e com quem quer.”

ANEXO 5 – D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico. (DASA, 2019)

03/12/2019

40 Perguntas para o autodiagnóstico – D.A.S.A.

E-mail: dasa.saopaulo@gmail.com
[PÁGINA INICIAL](#)
[GRUPOS ▾](#)


D.A.S.A.
DEPENDENTES DE AMOR E
SEXO ANÔNIMOS - SÃO
PAULO

[O PROGRAMA DE DASA](#)
[LITERATURA ▾](#)
[ARTIGOS ▾](#)
[DEPOIMENTOS ▾](#)
[PERGUNTAS FREQUENTES](#)
[IRMANDADES AFINS](#)
[INTERGRUPAL SP ▾](#)

40 Perguntas para o autodiagnóstico

Estas perguntas servem para ajudar na identificação de possíveis sintomas da dependência de amor e sexo. Não pretendem ser um método de diagnóstico infalível e as respostas negativas às mesmas não indicam a ausência da Doença. Muitos Dependentes seguem modelos de conduta muito diferentes entre si, o que pode resultar em diferentes formas de enfocar as respostas às mesmas. Somos conscientes que o diagnóstico é um assunto muito sério e por sua vez muito pessoal. Esperamos de coração, que lhe sejam úteis. Sugerimos que as leia atentamente e procure então, à luz das informações obtidas, responder para você mesmo, se você é ou não um Dependente de Amor e Sexo.

Para nós, membros de D.A.S.A., a dependência de amor e sexo é uma doença progressiva que não pode ser curada, mas, como várias outras doenças, pode ser delida. Ela pode tomar várias formas – incluindo, sem

ANEXO 6 – D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico. (DASA, 2019)

03/12/2019

40 Perguntas para o autodiagnóstico – D.A.S.A.

limitar-se, uma necessidade compulsiva por sexo, dependência extrema por uma outra pessoa (ou várias), e/ou preocupação crônica com romance, flerte, sedução ou fantasia. Existe um padrão obsessivo/compulsivo, seja sexual ou emocional (ou ambos), em relacionamentos ou atividades que progressivamente se tornam destrutivas para a carreira profissional, família, senso de auto respeito. Por ser uma doença progressiva, pode levar a conseqüências cada vez piores se não for tratada a tempo.

Antes de vir para o D.A.S.A., muitos dependentes de amor e sexo, se consideravam párias sociais, pervertidos ou apenas fracos. Outros ainda sentem que só estavam perseguindo o que era de seu direito. Eles se sentem com permissão à auto-complacência. A experiência do D.A.S.A., é que os dependentes de amor e sexo são pessoas doentes que podem se recuperar se seguirem um programa simples de recuperação que se mostrou válido para muitos homens e mulheres com a mesma doença.

Nós em D.A.S.A. sabemos disso por experiência própria e temos certeza, também por experiência própria, de que a recuperação pode ser conseguida através da prática de nosso programa de Doze Passas, o mesmo usado em Alcoólicos Anônimos, adaptado para o D.A.S.A. Utilizamos cinco recursos básicos para combater as conseqüências perniciosas que a dependência de amor e sexo produz:

- Sobriedade

O desejo de parar de praticar nosso comportamento auto-destrutivo de dependência numa base diária.

- Apadrinhamento/Reuniões.

A capacidade de recorrer a um apoio acolhedor dentro de D.A.S.A.

- Passos

A prática do programa de recuperação dos Doze Passos para alcançar a sobriedade sexual e emocional.

- Serviço

A retribuição para a irmandade de D.A.S.A. do que continuamos a receber de graça.

- Espiritualidade

O desenvolvimento de uma relação com um Poder Superior a nós mesmos, que pode nos guiar e apoiar na recuperação.

ANEXO 7 – D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico. (DASA, 2019)

03/12/2019

40 Perguntas para o autodiagnóstico – D.A.S.A.

Hoje sentimo-nos felizes e agradecidos, sempre dispostos a compartilhar nossas experiências com todas as pessoas que sofrem da Dependência de Amor e Sexo e que desejam se recuperar.

Continuamos à sua disposição para outros esclarecimentos que queira solicitar.

Gostaríamos de lhe Informar que D.A.S.A. protege com especial cuidado o anonimato pessoal de seus membros. Lembramos sempre que o anonimato é o alicerce do nosso Programa de Recuperação, bem como a certeza de podermos contar com uma casa, um local onde podemos compartilhar nossos problemas sem medo.

Tudo de Bom!

40 perguntas para Auto-diagnóstico

1 Você já tentou controlar quanto sexo faria ou com que frequência encontraria alguém?

2 Você se acha incapaz de deixar de ver uma pessoa específica, mesmo sabendo que encontrá-la é destrutivo para você?

3 Você sente que não quer que ninguém saiba das suas atividades sexuais ou amorosas? Você sente que precisa esconder essas atividades, dos outros – amigos, família, colegas de trabalho, orientadores etc.?

4 Você se sente “alto” ao fazer sexo e/ou ao se envolver em relacionamentos?

5 Você já fez sexo em momentos ou lugares inadequados, e/ou com pessoas inadequadas?

6 Você faz promessas ou estabelece regras para si mesmo em relação a seu comportamento sexual ou amoroso e percebe que não pode cumprir?

7 Você fez ou faz sexo com alguém que não queira fazer?

8 Você acha que o sexo e/ou um relacionamento vai tornar a sua vida tolerável?

9 Você já sentiu que tinha que fazer sexo?

10 Você acha que alguém pode “consertar” você?

11 Você tem uma lista, escrita ou não, dos parceiros que teve?

12 Você se sente desesperado ou ansioso quando está longe de seu companheiro ou parceiro sexual?

13 Você perdeu a conta dos parceiros sexuais que teve?

ANEXO 8 – D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico. (DASA, 2019)

03/12/2019

40 Perguntas para o autodiagnostico – D.A.S.A.

- 14 Você se sente arrebatado pela necessidade de um parceiro, de sexo ou futuro companheiro?
- 15 Você faz ou fez sexo apesar das conseqüências (o risco de ser pego ou de contrair herpes, gonorréia, AIDS, etc.)?
- 16 Você acha que tem um padrão de repetir relacionamentos ruins?
- 17 Você sente que seu único ou (principal) valor num relacionamento é seu desempenho sexual ou habilidade para dar apoio emocional?
- 18 Você se sente como fantoche inanimado se não houver alguém com quem possa flertar? Você sente que não está "realmente vivo" se não estiver com seu parceiro amoroso/sexual?
- 19 Você se sente com o direito de fazer sexo?
- 20 Você se encontra em um relacionamento que não consegue deixar?
- 21 Você já ameaçou a sua estabilidade financeira ou posição na sociedade ao manter um parceiro sexual?
- 22 Você acha que os problemas de sua "Vida Amorosa" vem de não ter a quantidade suficiente ou tipo certo de sexo? Ou de continuar se relacionando com a pessoa errada?
- 23 Você já teve um relacionamento sério ameaçado ou rompido por causa de atividades extraconjugais?
- 24 Você acha que a vida não teria sentido sem um relacionamento amoroso ou sem sexo?
- 25 Você se flagra flertando ou sendo sedutor(a) com alguém mesmo quando não tem t essa intenção?
- 26 O seu comportamento sexual e/ou amoroso afeta a sua reputação?
- 27 Você faz sexo e/ou tem "relacionamentos" para lidar ou escapar dos problemas da vida?
- 28 Você se sente desconfortável em relação a sua masturbação por causa da freqüência, das fantasias relacionadas, dos acessórios que usa e/ou dos lugares em que pratica?
- 29 Você se envolve em prática de voyeurismo, exibicionismo etc., de forma que lhe trazem desconforto e dor?
- 30 Você se percebe precisando se dedicar e variar cada vez mais suas atividades amorosas ou sexuais, apenas para alcançar um nível "aceitável" de alívio físico e emocional?
- 31 Você precisa fazer sexo ou se "apaixonar" para se sentir um "verdadeiro homem" ou "uma verdadeira mulher"?

ANEXO 9 – D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico. (DASA, 2019)

03/12/2019

40 Perguntas para o autodiagnóstico – D.A.S.A.

- 32 Você sente que seu comportamento amoroso e sexual é tão gratificante quanto empurrar uma porta giratória? Você está exausto?
- 33 Você está com dificuldades de se concentrar em outras áreas de sua vida por causa de pensamentos ou sentimentos relacionados a alguém ou a sexo?
- 34 Você se sente obsessivo por determinada pessoa e/ou atividade sexual específica, mesmo que esse pensamento lhe cause dor, ansiedade ou desconforto?
- 35 Você já desejou poder parar ou controlar suas atividades amorosas e sexuais por um determinado período de tempo? Já desejou ser menos dependente emocionalmente?
- 36 Você acha que a dor na sua vida só aumenta, não importa o que você faça? Tem medo que no fundo não tenha valor?
- 37 Você sente que lhe falta dignidade e inteireza?
- 38 Você sente que a sua vida amorosa/sexual afeta a sua espiritualidade de forma negativa?
- 39 Você sente que a sua vida está ingovernável por causa de seu comportamento sexual e/ou amoroso ou das suas excessivas necessidades dependentes?
- 40 Você já pensou que poderia fazer coisas na sua vida se não fosse tão guiada pela busca sexual e amorosa?

Os 12 Passos de D.A.S.A.

- 1 Admitimos que éramos impotentes perante a Dependência de Amor e Sexo – Que nossas vidas haviam se tornado ingovernáveis.
- 2 Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
- 3 Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus na forma em que concebíamos à Deus.
- 4 Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5 Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
- 6 Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7 Humildemente rogamos à Deus que nos livrasse de nossas imperfeições.
- 8 Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e

ANEXO 10 – D.A.S.A. – 40 perguntas para o autodiagnóstico. (DASA, 2019)

03/12/2019

40 Perguntas para o autodiagnóstico – D.A.S.A.

nos dispusemos a reparares danos a elas causados.

9 Fizemos reparações diretas dos danos causados a essas pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.

10 Continuamos fazendo o inventário moral e quando estávamos errados, o admitíamos prontamente.

11 Procuramos através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que concebíamos à Deus, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e forças para realizar essa vontade.

12 Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos dependentes de amor e sexo e praticar estes princípios em todas as áreas de nossas vidas.

A Intergrupar de São Paulo não representa qualquer outro Intergrupo ou S.L.A.A. Fellowship-Wide Services (F.W.S.) como um todo. Somos autônomos, exceto em assuntos que afetem outros Grupos ou o S.L.A.A. como um todo. Para obter informações sobre o S.L.A.A. consulte o site www.slaafws.org. Para entrar em contato com a Intergrupar de Dependentes de Amor e Sexo Anônimos São Paulo envie um e-mail para dasa.saopaulo@gmail.com.